

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Bruno Otto Guedes

Palavra Fácil:  
história e análise da função do comentarista de futebol

Juiz de Fora  
Dezembro de 2009

Bruno Otto Guedes

Palavra Fácil:  
história e análise da função do comentarista de futebol

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito para obtenção de grau de bacharel  
em Comunicação Social na Faculdade de  
Comunicação da UFJF

Orientador: Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra

Juiz de Fora  
Dezembro de 2009

Bruno Otto Guedes

Palavra Fácil:  
história e análise da função do comentarista de futebol

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de grau de bacharel em Comunicação Social na Faculdade de Comunicação da UFJF

Orientador: Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em 10/12/2009 pela banca composta pelos seguintes membros:

---

Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra (UFJF) – Orientador

---

Prof. Ms. Álvaro Eduardo Trigueiro Americano (UFJF) – Convidado

---

Prof. Ms. Ricardo Bedendo (CES-JF) – Convidado

Conceito Obtido \_\_\_\_\_

Juiz de Fora  
Dezembro de 2009

## **AGRADECIMENTOS:**

A minha família, pelos inúmeros sacrifícios feitos nesses sete anos de faculdade para que eu chegasse até aqui. Obrigado pai, obrigado mãe, obrigado Juliana.

A Kelly, por existir na minha vida. Pelo amor, companheirismo e paciência nessa jornada, e também pelo imenso apoio para que esse trabalho fosse concretizado.

Ao professor, mestre, orientador, chefe e, principalmente, amigo, Márcio Guerra, que inspira pela paixão ao futebol, pelo rádio e pelo jornalismo esportivo.

Aos companheiros da equipe de esportes da Rádio Universitária, em especial a Tiago Domingos, Thiago Werneck, Paulo Monteiro, Douglas Rocha, Thamara Gomes, Felipe Muniz, Henrique Fernandes, Paulo Lopes, Renan Caixeiro, Valentim Júnior, Pedro Brasil, Bruno Ribeiro, Erik Chaves e Giovane Rezende. Que nos encontremos nos campos e nas cabines do Brasil afora.

A Haroldo, que de companheiro de república virou irmão.

A Gustavo, Fabrício, Vinícius, Pedro, Bruna, Lucas, Flávia e Diogo, que foram o que eu posso chamar de turma.

A todos que concederam entrevista para a realização desse trabalho, em especial a Luís Mendes, o “comentarista da palavra fácil”, que com um carinho e uma simpatia sem tamanho me atendeu em sua residência.

## RESUMO

Esta monografia visa apresentar e analisar o trabalho do comentarista nas transmissões de futebol seja no rádio ou na televisão brasileira. Para isso, lança-se mão do histórico do futebol que mostra o tamanho da paixão que gira em torno do “esporte bretão”. Faz-se o mesmo ao se apresentar o histórico do jornalismo esportivo, para que se entenda a evolução do modelo de transmissão esportiva, que se tornou indispensável na vida do torcedor brasileiro. O trabalho traz um levantamento histórico da função do comentarista, assim, podem-se observar quais foram as transformações que o trabalho deste profissional sofreu durante os anos. Evolução esta, diante dos avanços dos meios de comunicação, além das mudanças que alguns profissionais de renome impuseram. Além disso, na obra são identificados os pontos característicos da função do comentarista, e também as principais críticas que existem ao seu trabalho. Por fim, discutem-se formas possíveis para que o comentarista se qualifique e execute um trabalho que contemple os anseios do ouvinte ou telespectador.

Palavras-chave: Comentarista de futebol, jornalismo esportivo, veículos de comunicação.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>06</b>
<b>2 GÊNESE E POPULARIZAÇÃO DO FUTEBOL.....</b>	<b>08</b>
2.1 ORGANIZAÇÃO E DIFUSÃO.....	09
2.2 O FUTEBOL NO BRASIL.....	11
<b>3 O AVANÇO DO JORNALISMO ESPORTIVO.....</b>	<b>17</b>
3.1 SURGIMENTO.....	17
3.2 RÁDIO E FUTEBOL UNEM-SE.....	20
3.3 A TELEVISÃO E O FUTEBOL NA SUA CASA.....	22
3.4 AVANÇO DAS TVs POR ASSINATURA.....	23
<b>4 A ARTE DO COMENTÁRIO.....</b>	<b>26</b>
4.1 CONCEITOS BÁSICOS.....	26
4.2 A OPINIÃO NO JORNALISMO.....	27
4.3 O QUE É COMENTAR? .....	28
<b>5 O COMENTARISTA DE FUTEBOL.....</b>	<b>30</b>
5.1. DEFINIÇÃO DA FUNÇÃO DO COMENTARISTA.....	33
5.2 NOVA ERA DO COMENTÁRIO.....	35
5.3 O COMENTARISTA, O TORCEDOR E O ÓBVIO.....	38
5.4 UM NOVO COMENTARISTA.....	39
<b>6 CONCLUSÃO.....</b>	<b>43</b>
<b>7 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>47</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>50</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O comentarista é uma das funções existentes dentro de uma transmissão esportiva. No futebol, esse profissional é bastante notado quando critica o seu time de coração (se falar que ele merece perder então, nem se fale), ou quando diz que seu ídolo não está “jogando absolutamente nada”. Brincadeiras a parte, ele é o responsável pela análise técnica e tática de uma partida.

E neste trabalho, em meio a tão pouco material sobre o tema, buscou-se contar a história da função, e as transformações no trabalho do comentarista, diante das mudanças que os meios de comunicação tiveram. Seja com o surgimento de novos veículos, seja com os avanços que estes atingiram ao longo dos anos. Além disso, far-se-á uma análise do trabalho deste profissional, tanto o seu surgimento, quanto a forma de sua participação, além de se apresentar as principais críticas existentes atualmente.

Para construir esse quadro, foi necessário recontar a história do futebol, apresentando seu desenvolvimento, e como foi o processo que fez esse esporte cair no gosto popular, não só no Brasil, mas em todo o mundo. Também é apresentada a gênese do jornalismo esportivo, e como as notícias sobre o tema deixaram de ser meras notas informativas, para se tornarem um filão bastante explorado pelas empresas jornalísticas. Em relação ao jornalismo esportivo brasileiro, apresentam-se as suas características principais, que estiveram presentes na construção, não só do modelo de comentarista esportivo existente no país, mas, também, no modelo de transmissão.

Além disso, são apresentados os conceitos teóricos básicos que devem nortear a função do comentarista. Primeiramente, com as noções de “opinião” e “comentário”, para em seguida observarmos a aplicação destas no jornalismo, de maneira geral, não apenas na

editoria de esportes. Por último, discutem-se as definições feitas por diversos autores, sobre a função do comentarista.

Para a execução do trabalho, foram feitas uma série de entrevistas com profissionais que estão, atualmente, no exercício da função. Cada um relatou como entende o trabalho que executa, quais são as características necessárias para tal e os principais problemas que atrapalham na realização de um bom trabalho; além de todos responderem: qual o grau de transformação da função diante do avanço das tecnologias midiáticas.

Sem dúvida, um trabalho inicial, mas, que se apresenta como contribuição a reduzida literatura produzida sobre esse personagem, por vezes tão odiado, mas, por vezes tão idolatrado, afinal, já houve comentarista trocando o microfone pelo comando do time de maior torcida do país (Washington Rodrigues, atualmente na *Rádio Tupi* do Rio de Janeiro, que em 1995 deixou a *Rádio Globo* para treinar o Flamengo), e até mesmo para treinar a Seleção Brasileira (João Saldanha em 1969).



## 2 GÊNESE E POPULARIZAÇÃO DO FUTEBOL

Muito antes dos ingleses alçarem as primeiras bolas nas áreas dos adversários, várias civilizações já praticavam atividades semelhantes ao futebol. Pelos quatro cantos do planeta, homens já corriam atrás de um objeto redondo, que não necessariamente precisaria ser uma bola, como conhecemos hoje. Guimarães (2005, p.05) aponta que a chegada de manifestação semelhante ao futebol na Inglaterra aconteceu já no século XIX, quando os habitantes da localidade de Kingston-on-Thames expulsaram os invasores *vikings* e resolveram bater uma “bolinha” com a cabeça do chefe invasor.

Mas, vem da África o possível início da árvore genealógica do futebol, pois

(...) no século XIX, o antropólogo Johan Jacob Bachofen foi surpreendido, na região de Kerve, na Nova Guiné, com imagens rupestres apresentando figuras semelhantes a homens, correndo atrás de um objeto arredondado. Embora bem primitivo, este é, com certeza, o mais antigo registro de um jogo que, muitos séculos mais tarde, viria a se chamar futebol. (GUIMARÃES, 2005, p.05-06).

Também houve registros na China, onde cerca de vinte e cinco séculos atrás, “se praticava um jogo rude e violento, no qual dois grupos disputavam a posse de uma espécie de balão de couro, recheado de crina de cavalo, usando as mãos e os pés”. (KLEIN; AUDIDINO, 1996, p.22). No vizinho Japão houve um jogo chamado *kemari*, que se popularizou no país como afirma Guimarães (2005, p.06).

Na Grécia existiu o *epyskiros*, jogo que Homero cita em sua obra *Odisséia*. Quando da conquista por Roma, o jogo passou a ser chamado de *haspartum* e se tornou prática predileta das tropas romanas. “Normandos bretões jogaram, durante a baixa Idade Média, um jogo chamado *choule* pelos normandos e *soule* pelos bretões. Estas palavras eram derivadas do celta e significavam *sol* e *bola*” (KLEIN; AUDIDINO, 1996, p.22).

A Itália figura-se como um dos únicos países aonde o futebol é dominado diferentemente, sendo chamado de *calcio*. Guimarães (2005, p.06) atribui essa diferença a

causa histórica: “Os habitantes de Florença reclamam para si a paternidade do futebol, que teria sido criado por eles com o nome de *giuco de calcio*”. Klein e Audidino (1996, p.23) afirmam que os papas Clemente VII, Leão IX e Urbano VIII não apenas eram afeitos a prática, como também “batiam sua bolinha”, vez ou outra. Já na América, muitos anos antes das primeiras “pedaladas” brasileiras, os maias e astecas já jogavam algo parecido com o que se praticava na Europa. (KLEIN, AUDIDINO, 1996, p.22).

## 2.1 ORGANIZAÇÃO E DIFUSÃO

Nesse trabalho não há intenção de discutir a “paternidade” da prática, que fica com os ingleses, pois, como afirma Guimarães (2005, p.07), o futebol “se não nasceu na Inglaterra, neste país se desenvolveu e foram criadas suas regras, aceitas por todos que o praticam”. Por estas e outras também se conhece o futebol como o “esporte bretão”. E a história da “terra da rainha” com o futebol tem seu marco inicial em uma reunião de interessados em organizar o esporte, o que indica que este já existia anteriormente: “No dia 23 de outubro de 1863, representantes de 12 clubes e escolas se reuniram na Freemason’s Tavern, na Great Street, no Centro de Londres. O objetivo do encontro era definir as regras comuns para aquele esporte que praticavam com uma bola de couro”. (POLI; CARMONA, 2006, p.12)

A partir dessa reunião foi criada a mais antiga entidade do esporte, a Football Association (FA), existente até hoje, e que foi responsável pela criação das primeiras 14 regras do esporte (POLI; CARMONA, 2006, p.12). Em 1880 nasceu a International Football Association Board, que até os dias atuais é a responsável pelas regras (que atualmente são 17)

do futebol, e decide sobre qualquer mudança ou inovação no esporte (UNIVERSIDADE DO FUTEBOL, 2009).

Nove anos depois, era criado o primeiro campeonato da Liga Inglesa de Futebol. Foi quando a bola que rolava na Inglaterra começaria a mexer com o coração dos brasileiros. Inicialmente com um jovem de 15 anos, chamado Charles Miller, que estudava no país e que mais tarde “não seria apenas o introdutor do futebol no Brasil, foi, também, o primeiro futebolista brasileiro na Europa: com dezenove anos estreou como centroavante num selecionado do Condado de Hampshire”. (KLEIN; AUDIDINO, 1996, p.21).

Em 1900, de forma experimental, o futebol fizera parte dos Jogos Olímpicos de Paris, com a medalha de ouro indo para a Grã-Bretanha<sup>1</sup>, a de prata indo para a França e o bronze para a Bélgica. “Desde então a bola só não rolou nos Jogos Olímpicos de 1932, em Los Angeles” (POLI; CARMONA, 2006, p.135). Daí em diante a febre do esporte bretão só aumentou. Se em 1872, a final da FA Cup atraiu aproximadamente 2 mil pessoas, menos de 30 anos depois, em 1901, um recorde na mesma competição: “114.815 seres humanos se aboletaram no Old Crystal Palace para ver a decisão entre Tottenham Spurs e Sheffield United, que terminou em 2 a 2” (POLI; CARMONA, 2006, p.254).

Em 1904, surgia a entidade máxima do futebol, quando “sete associações do continente europeu se reuniram em Paris para fundar a Fédération Internationale de Football Association, FIFA para os íntimos”. (POLI; CARMONA, 2006, p.13). França, Bélgica, Dinamarca, Holanda, Espanha, Suécia e Suíça foram às primeiras integrantes de uma entidade

---

<sup>1</sup> A Grã-Bretanha é dividida em 4 nações: Escócia, Inglaterra, Irlanda do Norte, País de Gales e nos seguintes territórios: Anguilla, Bases Britânicas Soberanas, Bermudas, Gibraltar, Ilha de Man, Ilhas do Canal (Guernsey e Jersey), Ilhas Cayman, Ilhas Falklands (Malvinas), Ilhas Geórgia do Sul e Sandwich do Sul, Ilhas Virgens Britânicas, Montserrat, Pitcairn, Santa Helena, Território Britânico da Antártica, Território Britânico do Oceano Índico e Turks e Caicos.

que reúne mais países do que a Organização das Nações Unidas (208 x 192) <sup>2</sup>. Com tamanha repercussão lá fora, o Brasil logo viu a cor da bola.

## 2.2 O FUTEBOL NO BRASIL

Assim como acontece na história do futebol no mundo, também não se pode dizer que há apenas uma versão para o nascimento do esporte em terras tupiniquins. Poli e Carmona (2006, p.32), apresentam cinco versões não comprovadas da presença do futebol por aqui:

A) Os portugueses que colonizaram o Brasil já jogavam uma espécie de futebol com bola de pano. Índios não participavam. A introdução desse esporte teria acontecido no século XVIII.

B) Outra versão, essa mais plausível, cogita que marinheiros europeus, comandados por ingleses e franceses, teriam jogado as primeiras peladas na América do Sul em 1864. Ninguém viu, não há registros.

C) Essa mesma classe de peladeiros, os marinheiros, teria desembarcado no navio Crimeia, da Inglaterra, e disputado um 'rachão' nos arredores da residência da princesa Isabel, no bairro das Laranjeiras.

D) Em Itu, no interior de São Paulo, um padre teria ensinado o futebol a seus alunos. Isso teria acontecido entre 1872 e 1873.

E) Há também a lenda de Mr. Hugh, responsável pela estrada de ferro São Paulo Railway, em Jundiaí. É o caso do patrão ensinando a seus funcionários.

Em termos de existência de documentos comprovadores, a cidade mineira de Juiz de Fora, pode pleitear ser o primeiro local onde a bola rolou. Isso porque, existe um livro de registros no Arquivo Histórico do Museu do Instituto Granbery onde se verifica a seguinte menção em meio a informações sobre um evento festivo na instituição, datada de 10 de março de 1893: “inaugurou-se o *foot-ball and tennis*”. O livro de registros era mantido por John McPherson Lander, primeiro reitor da instituição e era utilizado para compilar dados e informações referentes ao Instituto. (JF EM PAUTA, 2009)

---

<sup>2</sup> Considerando dados acessados em 07/10/2009, nos sites [http://www.onu-brasil.org.br/conheca\\_onu.php](http://www.onu-brasil.org.br/conheca_onu.php) e <http://www.fifa.com/aboutfifa/federation/index.html>

Entretanto, assim como a Inglaterra é considerada a pátria “berço” do futebol, devido à sistematização das regras que fazem o esporte ser como se conhece hoje, Charles Miller se tornou o “pai” do futebol no Brasil, por um motivo específico: “Cinco meses após desembarcar no Brasil, Miller conseguiu organizar o primeiro jogo oficial entre duas equipes: São Paulo Railway Team x Gas Work Team”. (RIBEIRO, 2007, p.20). A partida foi realizada em 14 de abril de 1895 e a data ficou marcada como a da inauguração do futebol no país.

Um grande passo para um jovem nascido em 1874, no bairro do Brás, em São Paulo, e que aos nove anos de idade fora estudar na Inglaterra. Exatos vinte anos depois, “Nipper”, como ficou conhecido, voltou ao Brasil, trazendo na bagagem duas bolas, uma bomba de ar e dois uniformes (KLEIN; AUDIDINO, 1996, p.21). O jogo inaugural, organizado por Miller reunia funcionários da estrada de ferro versus os da companhia de gás, ambas da capital paulista. Mas, o retrato inicial do futebol tupiniquim não era de operários atuando dentro das quatro linhas. Homens da alta classe de São Paulo eram os jogadores das primeiras equipes. Nas arquibancadas, a elegância da “torcida” é algo inimaginável nos dias de hoje. “Os cavaleiros compareciam aos campos em traje de gala e guarda-chuva em punho, um costume daquele período. As mulheres, com vestidos longos, jóias e chapéus. Era um desfile de moda” (POLI; CARMONA, 2006, p.35).

Aos poucos começaram a surgir clubes de futebol por todo o Brasil, enquanto outros já existentes passaram a incluir o esporte entre suas atividades. O primeiro time, exclusivamente, de futebol do país é gaúcho, “o Sport Club Rio Grande foi fundado no dia 19 de julho de 1900, por iniciativa do alemão Johannes Christian Moritz Minnermann” (POLI; CARMONA, 2006, p.33). A data ficou marcada como o Dia do Futebol Nacional. Depois disso, a bola foi rolando de estado em estado, cidade em cidade, lugarejo em lugarejo até se

tornar a grande paixão dos brasileiros. Mas, esse processo não foi tão simples como parece, explicam Klein e Audidino (1996, p.25):

No Brasil, a expansão do futebol se deu de maneira completamente distinta do que ocorreu em outros centros, onde o 'introdutor' do futebol iniciou a divulgação do novo jogo numa cidade e, depois, foi, de alguma maneira, o agente importante no resto do país. Além disso, a disseminação de clubes, que iam surgindo nos bairros operários ao longo das linhas de trem (como em Londres ou Buenos Aires) não se deu no Brasil, onde o futebol chegou por meio da elite e cresceu restrito às elites regionais. Como o próprio Brasil, o futebol desenvolveu-se, à exceção de Minas Gerais, primeiramente nas capitais dos estados ao longo da costa. Charles Miller, por exemplo, que trouxe o futebol para o Brasil, era paulista e dedicou-se ao futebol paulista. No Rio, para dar outro exemplo, o futebol chegou por outras mãos, no caso as de Oscar Cox. No Maranhão por intermédio de Joaquim Moreira Alves de Souza, estudante, que, como Charles Miller, passara anos na Inglaterra. No Paraná levado de São Paulo por Frederico Fritz Essenfelder. Em Santa Catarina levado por estudantes paulistas e cariocas e assim por diante. Isto é, o futebol nasceu completamente regionalizado no Brasil. Talvez seja esta uma das principais razões para termos sido o último país da elite do futebol a ter um campeonato nacional, já nos anos setenta. É normal, e com certa razão, que se atribua essa demora às dimensões continentais do país, bem como a pobreza das comunicações e da rede de transportes nacionais. É possível que um pouco de cada coisa tenha bastante importância no processo, mas a verdade é que desde o início os dirigentes esportivos, ou *padres* como se dizia nos anos vinte e trinta, estavam preocupados com seus próprios interesses regionais e organizaram o futebol brasileiro completamente regionalizado. Quando pensaram no todo, apenas, não se entenderam.

Fica claro que as pessoas que não eram da elite também não se contentariam em ficar fora dessa atividade que começava a se tornar popular. “Como era fácil promover um jogo, logo os operários, negros, crianças do subúrbio e estudantes passaram a praticar o esporte” (POLI; CARMONA, 2006, p.35). Mesmo com as tentativas das camadas mais ricas de manter o futebol para poucos, a bola rompeu barreiras sociais e superou o elitismo. (GUIMARÃES, 2005, p. 08). Mas, demorou para que pobres, negros, entre outros, pudessem estar alinhados em um campo de futebol, lado a lado, ou frente a frente, com membros da elite. Em 1901, aconteceu a primeira competição oficial no Brasil, o Campeonato Paulista, com a presença de cinco clubes, São Paulo Athletic (que acabou campeão), Mackenzie, Internacional, Germânia e Paulistano. (KLEIN; AUDIDINO, 1996, p.26). Nas suas origens, o “Paulistão”, organizado pela Liga de Futebol Paulista, tinha regime amador, não permitindo remuneração dos jogadores, que deveriam ser sócios dos clubes, excluindo assim a presença

das classes menos favorecidas. Nem mesmo nas arquibancadas o “povão” teria lugar, pois, haveria cobrança de ingresso em cada partida (RIBEIRO, 2007, p.22).

### 2.2.1 Popularização do futebol no Brasil

Mas, foi na década de 20 que o futebol brasileiro passou, de fato, a não ter dono, se transformando em patrimônio cultural do país. Algumas afrontas ao sistema amador-elitista vigente por aqui começaram a acontecer. Mas, duas, em especial, começaram a transformar e massificar o futebol no Brasil. A primeira aconteceu na capital paulista, em 1914 era fundado o Palestra Itália, clube que representaria a colônia *tiffosi* existente em São Paulo, e que incomodava profundamente os dirigentes de clubes e da Liga Paulista, por ser o time, de estrangeiros (RIBEIRO, 2007, p.46-47). Na época, o São Paulo tinha cerca de 600 mil habitantes, sendo um terço da população composta por imigrantes. A partir daí pode se imaginar a festa que ocorreu na cidade quando o Palestra conquistou em 1920 o seu primeiro título paulista. “Mesmo sem grande penetração na comunidade, e a contragosto, a mídia esportiva precisou ceder espaço e abrir as páginas à notícia”. (RIBEIRO, 2007, p.54)

Mas, apesar desse passo inicial na popularização do futebol no Brasil, Klein e Audidino (1996, p.28) apontam o ano de 1923 como um dos mais importantes nesse processo. Isso porque, a Confederação Brasileira de Desportos, fundada em 1914, foi reconhecida pela FIFA neste ano, o que faria a Seleção Brasileira ganhar ainda mais força depois do país sediar e vencer os Campeonatos Sul-Americanos de 17 e 22. O segundo fato, considerado por alguns autores, como o mais marcante nesse processo de popularização foi a estréia do Vasco da

Gama no Campeonato Carioca. O time se tornou a sensação da competição, porque, além de praticar o melhor futebol da cidade, tinha jogadores de origem proletária, negros e mulatos.

É claro que não foi só a presença dos até então excluídos do esporte que fez o Vasco da Gama ficar marcado como um divisor de águas no futebol brasileiro, até porque, a presença de negros e pobres na equipe ligada à colônia portuguesa, já acontecia desde 1917 (POLI; CARMONA, 2006, p.210). O fato que marcou foi o de logo em seu primeiro ano na 1ª Divisão do futebol carioca, o clube se tornar campeão, superando tradicionais equipes como América, Bangu, Botafogo, Flamengo e Fluminense.

No Vasco campeão de 1923, os jogadores vinham do subúrbio e todos tinham profissões humildes para a época. Nelson era taxista, Ceci pintor de paredes, Nicolino era um simples estivador e Bolão motorista de caminhão. Sem contar que os quatro brancos da equipe eram analfabetos. Claro que um time popular como o Vasco empolgou multidões. Pela primeira vez uma equipe verdadeiramente popular ganhava de todo mundo. (KLEIN; AUDIDINO, 1996, p.28).

Estavam abertas as portas da popularização e da profissionalização do esporte bretão em nossas terras. Alguns clubes, como o próprio Vasco, praticavam o “amadorismo marrom”, pagando salários a seus jogadores (RIBEIRO, 2007, p.61). Com a difusão dessa prática, o regime profissional começou a gerar cisões e discussões entre os clubes e federações. Em 1933, realizou-se a primeira competição de clubes profissionais no país. O Torneio Rio-São Paulo, foi disputado por Bangu, Fluminense, Vasco, Bonsucesso, América e Flamengo pelo Rio e Palestra Itália, São Paulo, Portuguesa, Corinthians, Santos, São Bento, Ypiranga e Sírio por São Paulo. Entre as ausências sentidas, o Botafogo do Rio, que se manteve no regime amador, sob a égide da CBD (KLEIN; AUDIDINO, 1996, p.28).

A paz demorou a reinar no nosso futebol. Nas primeiras Copas do Mundo, a Seleção Brasileira sofreu por conta das brigas políticas, como em 34, quando a briga entre profissionais e amadores, enfraqueceu nossa equipe, que caiu logo no primeiro jogo, perdendo para a Espanha (KLEIN, AUDIDINO, 1996, p.31). Apesar dos problemas, já nessa época, o futebol encontrou um companheiro inseparável que elevou mais ainda o alcance do esporte:



rádio. As primeiras transmissões, na década de 30 são fatores importantes na massificação do futebol. (BRINATI, 2005, p.08). Depois disso, os dois nunca mais se separaram mesmo com o surgimento de outros meios de comunicação.

O desenrolar dessa paixão, quase todo mundo conhece. O Brasil se tornou potência no esporte, cinco vezes campeão do mundo, oito vezes campeão da América entre inúmeras outras taças. (POLI, CARMONA, 2006, p.39). E essa paixão, não exclusivamente tupiniquim, fez do esporte um dos maiores negócios do mundo. No Brasil, as cifras ainda são bem tímidas diante do futebol europeu, por exemplo, mas, dão uma pequena dimensão da grandeza que o esporte atingiu.

“A indústria do futebol movimenta, segundo o Plano de Modernização do Futebol Brasileiro da Fundação Getúlio Vargas (2000), 250 bilhões de dólares por ano. Responde por 30 milhões de praticantes formais e não-formais; e por 300 mil empregos diretos”. (CARAUTA, CARVALHO, 2009, p.03)

Assim, apesar de nascido em berço de ouro, o futebol hoje está em todos os lares. Tudo isso acompanhado por uma legião de jornalistas. Mas, essa história já foi bem diferente.

### 3 O AVANÇO DO JORNALISMO ESPORTIVO

Difícil precisar como surgiram os primeiros jornalistas esportivos, pode-se até especular que já nos primórdios do esporte, vistos no capítulo anterior, havia alguns “informadores”, seja de resultado ou qualquer outro tipo de notícia. Provavelmente, na Inglaterra, alguém era encarregado de avisar que alguma cabeça seria cortada e haveria um “joguinho” no final da tarde. Ou então, na Itália, no fim das partidas, é possível imaginar alguém comentando, e criticando, a atuação de um dos papas “boleiros”. Hoje isso mudou, e é fácil reconhecer um jornalista esportivo e valorizar a profissão. Mas, isso já foi muito diferente e emplacar uma notícia sobre esporte era uma árdua tarefa. (RIBEIRO, 2007, p.23).

#### 3.1 SURGIMENTO

O primeiro jornal que continha uma seção de esportes foi o *Glasgow Evening News*, da Escócia, que implantou a novidade em 1878. Mas, essa empreitada não seria moleza para o jornal, nem para os outros que vieram a implantar a seção, posteriormente. “Já desde os seus primórdios, grandes esforços eram feitos pela imprensa no sentido de serem os primeiros a publicar os últimos resultados” (A HISTÓRIA DO FUTEBOL, 2001). Entre estes esforços, estava a utilização de pombos-correios. Isso chega a ser quase impossível de se acreditar, mas, os primeiros resultados chegavam à redação através dessas aves, enviadas do local da partida. O historiador escocês Bob Crampsey, relata que foi assistente de um jornalista que utilizava o expediente, escrevendo a notícia com o resultado do jogo, ou outra informação. A nota era

entregue ao assistente que tinha a incumbência de colocar a notícia em um cilindro que era preso no pombo-correio, e em seguida era solto em direção a sede do jornal em que trabalhavam (A HISTÓRIA DO FUTEBOL, 2001).

Falando especificamente do jornalismo tupiniquim, Sousa (2005, p.02) aponta que o esporte passa a fazer parte das páginas de jornal, dentro de “um contexto de transformação editorial experimentado pelo jornalismo brasileiro na segunda metade dos anos de 1800”. A primeira publicação voltada ao assunto surge em 1856 no Rio de Janeiro, “o jornal *O Atleta*, cujo objetivo era difundir ensinamentos para o aprimoramento físico dos habitantes da então capital do país. O noticiário da época era restrito às práticas de educação física e lazer” (BAHIA, 1990 apud SOUSA, 2005, p.02).

Nos primeiros anos, ganhavam maior espaço esportes que hoje tem pouco destaque na mídia, como críquete, turfe, remo e ciclismo (RIBEIRO, 2007, p.19). Mas, essa história começou a mudar e o futebol ganhou notoriedade, principalmente, por causa do paulista Mário Cardim, que trabalhava no *Estado de S. Paulo* e que “se tornaria nas duas décadas iniciais do século XX a principal figura da imprensa esportiva brasileira” (RIBEIRO, 2007, p.20). Em 1901, Cardim conseguiu convencer a redação a cobrir duas partidas entre paulistas e cariocas em São Paulo.

Escreveu sobre os dois empates ocorridos no campo do SPAC (São Paulo Athletic Club), na região central da cidade. Falou da presença de ‘distintas famílias’ e enalteceu a qualidade técnica dos jogadores cariocas, uma grata surpresa para os paulistas que se imaginavam superiores (RIBEIRO, 2007, p.25).

Cardim não foi apenas um precursor na cobertura de futebol, como também foi um incentivador da organização do esporte, tendo sido um dos fundadores da Liga de Futebol Paulista (RIBEIRO, 2007, p.39). Um ano após lutar para conseguir fazer sua primeira cobertura, também no *Estado de S. Paulo*, o pioneiro “publicou a primeira reportagem aprofundada sobre uma partida, tratava-se da primeira decisão do Campeonato Paulista, entre

SPAC e Paulistano” (OLIVEIRA, 2009, p.14-15). É claro, que esses primeiros textos eram bem diferentes dos podem ser lidos, atualmente, nas páginas de jornal.

A descrição dos jogos era longa e confusa, e chegava a ter vinte parágrafos, como comprova o artigo publicado pelo repórter do *Correio Paulistano* em 1903, no qual confessa sua dificuldade: descrever minuciosamente o jogo é tarefa árdua, se não impossível, pois tantos e múltiplos seriam os fatos a narrar (RIBEIRO, 2007, p.29).

Aos poucos essa dificuldade foi sendo vencida com um número cada vez maior de veículos abrindo espaço para o noticiário esportivo, e com o surgimento de novos nomes dedicados a essa paixão. Em São Paulo surgiram nomes como Antônio Figueiredo, Paulo Várzea e Leopoldo Santana (RIBEIRO, 2007, p.39).

Entretanto, mesmo com esse crescimento, não se pode dizer que a editoria de esportes disputava em importância com outras editorias mais nobres, como política, economia. E é aí que o futebol vira esse jogo. Pois, se não fosse a “importância que adquiriu no país, talvez as informações esportivas até hoje ainda estivessem relegadas a um segundo plano no jornalismo brasileiro e quiçá teria se tornado uma editoria independente” (SOUSA, 2005, p.02). Para a autora foi na década de década de 40 que essa virada aconteceu.

Coincidentemente, ou não, nesse período alguns nomes ficaram marcados como verdadeiros gênios no jornalismo brasileiro. Um deles foi Mário Filho que desde os primeiros anos de carreira se dedicou ao esporte principalmente ao futebol. “O jornalista contribuiu para o começo de um novo tempo. Nas páginas dos jornais, atletas se tornaram mitos e partidas foram imortalizadas” (OLIVEIRA, 2009, p.17). Se nos primeiros anos, as descrições eram minuciosas, seja de lances, seja de eventos em si, “nos anos 1950, prosas e crônicas esportivas faziam sucesso nos jornais impressos. Tanto que alguns jogos ruins ou violentos podiam virar quase um romance nas linhas desses periódicos” (BARBEIRO, RANGEL, 2006, p.55). Esses relatos mais cheios de paixão são uma característica carioca, e teve seus grandes expoentes nesse primeiro momento em Mário Filho e no seu irmão, Néilson Rodrigues (COELHO, 2003, p.15).

### 3.2 RÁDIO E FUTEBOL UNEM-SE

O rádio nasceu oficialmente em 1901, mas, assim como o futebol, também carrega polêmicas quando ao seu surgimento. Estudos apontam que o padre brasileiro Roberto Landell de Moura, e não o italiano Guglielmo Marconi, foi o inventor do rádio.

Em seu livro, “A Notícia na Rádio Gaúcha”, Luciano Klöckner afirma que aí está a primeira controvérsia da história do veículo. Segundo o autor, o porto-alegrense Roberto Landell de Moura apresentou documentos na época, provando que, em 1893, um ano antes de Marconi, já havia descoberto a transmissão de sons (GUERRA, 2002, p.13).

Quanto à primeira transmissão realizada no país, não há discussão. “Todos concordam que foi em 1922, no dia 7 de setembro, com a transmissão do discurso do presidente da República, Epiácio da Silva Pessoa” (GUERRA, 2002, p.14)

Em 1930, futebol e rádio começam estreitar as relações. No início eram informações curtas, com os resultados das partidas. Mas, no ano seguinte, a *Rádio Educadora Paulista* transmitiu a primeira partida de futebol na íntegra no veículo. Foi um jogo do 8º Campeonato Paulista de Seleções entre São Paulo e Paraná. Coube a Nicolau Tuma, mais tarde conhecido como “*Speaker Metralhadora*”, irradiar o confronto. (GUERRA, 2002, p.14). Entretanto, o mesmo autor, aponta, que antes de Tuma, no Rio de Janeiro, Amador Santos, da *Rádio Clube do Brasil*, já fazia transmissões, mas, com estilo mais cadenciado, diferente de Tuma. (GUERRA, 2002, p.16-17).

De toda a forma, nessa época, as transmissões tinham características bem semelhantes.

A linguagem usada era a da pura emoção. Os locutores chegavam a gritar para demonstrar a explosão do gol. Muitas vezes não se preocupavam com quem estava em volta e se o estádio estava lotado: eles falavam mais alto para não ter seu som abafado pelos urros da torcida enlouquecida (BARBEIRO; RANGEL 2006, p.54).

Ainda sem existir televisão, o rádio se consolidou e como meio de transmissão esportiva, o veículo se difundiu mais ainda, se tornando um fenômeno de comunicação de

massa. “Os locutores, na tentativa de despertar o imaginário do receptor, transformava a narração em grandes espetáculos, que chegavam até a superar a própria realidade em que passava o evento esportivo”. (CAMARGO, 1998, p.51). Vale ressaltar, que nesse momento ainda não existiam repórteres ou comentaristas. O narrador tinha que levar toda a transmissão sozinho (RIBEIRO, 2007, p.75).

Com todos esses fatores, tanto o rádio quanto o futebol se tornaram extremamente populares. Ambos viraram verdadeiros companheiros. O torcedor não só acompanha o jogo pelo rádio quando está longe da praça esportiva, como leva o aparelho ao estádio, enquanto assiste à partida. “A narração de uma partida pelo rádio se utiliza do conhecimento desse encanto e busca nos recursos empregados levar a magia do espetáculo ao torcedor, fazendo com ele praticamente outro jogo” (GUERRA, 2002, p.11).

Nem mesmo o surgimento da televisão fez mudar a relação que o brasileiro adquiriu com seu aparelho de rádio. “Talvez pela confiança no estilo, na forma de narrar, que, de certa forma, passou a ser parte integrante da festa. No Brasil, o futebol passou a ser um espetáculo, no qual o rádio também tem que ‘entrar em campo’” (GUERRA, 2002, p.25-26). O autor aponta que em contraposição aos avanços gráficos que a TV inseriu na sua transmissão, o rádio apostou na cobertura jornalística. Sem abandonar sua linguagem e sua emoção, trouxe um amplo leque de informações antes, durante e depois da partida (GUERRA, 2002, p.39).

### 3.3 A TELEVISÃO E O FUTEBOL NA SUA CASA

A televisão chega ao Brasil na década de 1930, mas de forma tímida, com transmissões em circuitos fechados. E mesmo que se considerem algumas tentativas de levá-lo ao ar de maneira pública, o veículo só foi inaugurado, de fato, em 1950. No dia 18 de setembro daquele ano, Assis Chateaubriand inaugurou a *TV Tupi*, em São Paulo, primeira emissora brasileira (BRINATI, 2005, p.34).

No início eram raros os brasileiros que tinham um aparelho em sua casa. Isso acabou tornando lento o processo de popularização do veículo, mas “em apenas uma década a TV substituíu o rádio. No final da década de 1950, estava em funcionamento dez emissoras de TV no Brasil, com destaque para a *TV Excelsior*” (BRINATI, 2005, p.34). Mas, é claro, que essa informação refere-se ao veículo de comunicação, porque em se falando de jornalismo esportivo, demoraram mais duas décadas para a televisão investir pesado no esporte. (BRINATI, 2005, p.34-35).

Já nos primeiros anos de existência do veículo, houve transmissões esportivas. Poli e Carmona (2006, p.255) apontam que, de acordo com informação obtida no Museu da TV em São Paulo, a primeira partida de futebol transmitida foi em 3 de outubro de 1951, quando a *TV Tupi* levou ao ar o confronto entre Palmeiras e São Paulo no Estádio do Pacaembu, exibindo-o para toda a capital paulista. A partir daí algumas emissoras também deram espaço ao futebol. “As TVs *Rio, Excelsior, Record e Tupi* dominaram as transmissões esportivas nos primeiros anos. Usavam duas, no máximo três câmeras, sempre em preto-e-branco” (POLI; CARMONA, 2006, p.255).

Com o passar dos anos, o veículo cresceu e se aprimorou tecnicamente. O que, é claro, trouxe conseqüências para as transmissões de futebol.

A década de 1970 viu o aumento do tempo destinado aos noticiários, graças aos avanços tecnológicos dos equipamentos de externa: câmeras sonoras mais leves, unidades móveis com todos os recursos de um estúdio, inclusive mesa de edição. Superadas essas dificuldades, a TV tornava-se quase tão ágil quanto as rádios em relação à instantaneidade (BRINATI, 2005, p.34-35).

A diferença era notória, considerando que nos seus primórdios, o locutor da *TV Tupi*, Aurélio Campos teve que mostrar ao telespectador como seria a transmissão de futebol na televisão, usando um campo de futebol de botão (POLI; CARMONA, 2006, p.255). Em termos de comparação “hoje, o telespectador em sua poltrona tem uma visão de jogo mais ampla e variada que o torcedor no estádio. Uma profusão de ângulos, *replays* e recursos gráficos inimagináveis décadas atrás” (POLI, CARMONA, 2006, p.256).

Entretanto, todo o avanço tecnológico conquistado ao passar dos anos ainda vem sendo pouco explorado como o diferencial da televisão para outros veículos.

É preciso usar toda esta sofisticação das transmissões para dar mais espaço para a informação. Ou seja, as câmeras especiais, *replays*, mesas de corte podem inspirar um trabalho jornalístico estatístico de quem chutou mais a gol, qual equipe fez o maior número de faltas, tempo de bola parada.

As novas descobertas da tecnologia praticamente forçam o jornalista esportivo a acrescentar informação ao que está sendo mostrado (BARBEIRO, RANGEL, 2006, p.98).

E esses problemas, são motivados, principalmente, porque a transmissão de futebol na TV foi extremamente baseada na radiofônica e dela ainda não conseguiu se desvencilhar. Daí vem sua maior crítica, pois, na maioria das vezes, os locutores buscam criar uma imagem, entretanto, o telespectador já está vendo essa imagem. Assim, o futebol na televisão ainda não conseguiu deixar de falar o óbvio (CAMARGO, 1998, p.52).

### 3.4 AVANÇO DAS TVs POR ASSINATURA

A história das TVs por assinatura no Brasil começou em 1988, quando os primeiros sinais, via cabo, chegaram ao país, transmitindo os sinais da *CNN* e da *MTV*. Mas,



engana-se quem pensa que essas foram as primeiras experiências desse modelo. Na década de 50, a cidade fluminense de Petrópolis precisou recorrer ao sistema, pois seu relevo montanhoso dificultava o recebimento das emissoras cariocas (OLIVEIRA, 2009, p.38).

Entretanto, cerca de quase quatro décadas depois, passaram a existir no país, de fato, sistemas de TVs por assinatura, com a formação de dois grupos concorrentes que tomaram caminhos quase opostos, como explica Coelho (2003, p.69-70):

A história das televisões por assinatura no Brasil começou em 1991, quando a *Globosat* e a *TVA* colocaram suas programações no ar. Na concorrência, o *Grupo Globo* saiu claramente na frente por um único detalhe: *know-how*. Cada funcionário do grupo tinha no currículo a experiência global que datava de 1965. Tudo documentado, com a nova programação cuidadosamente detalhada. A *TVA* começou fazendo uma opção tecnológica errada. E enquanto a *Globosat* cabeava os grandes centros, para permitir maior alcance com mais qualidade, a *TVA* tentava conseguir adesões por assinatura, com miniantenas parabólicas.

E já em 1992 existia o interesse em se criar nestes veículos canais 100% dedicados ao esporte (SCHINNER, 2004, p.33). No grupo *TVA*, nasceu a *TVA Esportes*, embrião da *ESPN Brasil*. Já na *Globosat* foi criada a *Sportv*, que devido ao modelo de adesões adotados pela empresa, saiu na frente em número de assinantes, e por consequência, patrocinadores (COELHO, 2003, p.70). Mesmo com essa diferença, os dois canais tiveram (e continuam tendo) mais sucesso que os que surgiram posteriormente. Tanto que, principalmente a *Sportv*, “fez surgir alguns filhotes com a disponibilização de canais secundários (alternativos), além da oferta de produtos específicos em sistema *pay-per-view*” (SCHINNER, 2004, p.31).

Seguindo o embalo de *ESPN Brasil* e *Sportv*, surgiram novos canais como o *PSN*, a *FoxSports* e o *Bandsports*.

O primeiro canal quebrou após um ano de má administração e total insanidade na compra desenfreada de eventos esportivos, com preços supervalorizados, o que inflacionou substancialmente o mercado. O segundo não saiu do papel, apesar do sucesso da marca nos Estados Unidos. E o terceiro, administrado pelo *Grupo Bandeirantes*, vem tentando encontrar caminhos alternativos e ainda não explorados pelo mercado em ascensão (SCHINNER, 2004, p.31).

Atualmente, as TVs por assinatura vivem momento de expansão. “O número de assinantes da TV paga em 2000 representava 3,44 milhões, em 2007 o número alcançou a

marca de 5,25 milhões. São consumidores que buscam algo diferente do que é exibido nos canais abertos” (OLIVEIRA, 2009, p.36). Talvez por causa desse nível de exigência, busca-se cada vez mais elevar a qualidade dos envolvidos nas transmissões e programas esportivos, com treinamento e capacitação constante.

Outra tentativa de diferenciação das TVs por assinatura foi na forma de executar as transmissões esportivas, entretanto, o mesmo modelo dos canais de televisão abertos foram mantidos.

No *SporTV* foi gravado um piloto numa partida entre Portuguesa e Guarani no estádio do Canindé, em São Paulo. Nesse treinamento de equipe, foram simuladas duas formas diferentes de narração: uma mais radiofônica e emocional, mas sem os bordões tradicionais; e outra mais ancorada, mais falada e onde o locutor se posicionava simplesmente como um condutor da equipe. Por unanimidade, a fórmula número um venceu, pois a transmissão radiofônica combinava com os anseios do torcedor e tentar algo diferente seria muito arriscado (SCHINNER, 2004, p.33-34).

Nesses três veículos, de diferentes formas, as transmissões esportivas se destacaram. Cada um com sua linguagem e com seu alcance, atingiram grandes índices de audiência e se tornaram imprescindíveis na vida do torcedor fanático pelo esporte bretão.

## 4 A ARTE DO COMENTÁRIO

Há um dito popular que diz que “futebol, política e religião não se discutem”. Obviamente que no Brasil isso não é respeitado, principalmente, quando falamos do primeiro destes itens. Afinal, é difícil encontrar uma roda de amigos em que o tema futebol não seja tocado em algum momento. Nos dias seguintes a clássicos ou grandes finais, então, nem se fala, o ‘esporte bretão’ não sai da boca do torcedor. Cada um quer dar o seu ‘pitaco’, e tem sua opinião formada.

### 4.1 CONCEITOS BÁSICOS

A opinião é a base do trabalho do comentarista de futebol, que terá sua função descrita e analisada posteriormente. Por enquanto, o assunto é a análise dos conceitos teóricos que permeiam o trabalho do comentarista. Primeiro, observando o que significam alguns destes conceitos e termos. No Dicionário Aurélio (2008, p.361), o verbete opinião é definido de duas formas, primeiro como “modo de ver, pensar, deliberar”, ou seja, uma ideia. Já a segunda definição é de “parecer, juízo sobre alguém ou alguma coisa”. No dicionário Michaelis encontra-se cinco definições, que vão um pouco além do que no Aurélio: “**1** Maneira de opinar; modo de ver pessoal; parecer, voto emitido ou manifestado sobre certo assunto. **2** Asserção sem fundamento; presunção. **3** Conceito, reputação. **4** Juízo ou sentimento que se manifesta em assunto sujeito a deliberação. **5** Capricho, teimosia” (MODERNO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2009).

Podem-se observar duas características analisando essas definições. Opinião é se estabelecer um juízo sobre algo ou alguém. E esse juízo, é pessoal. Já o segundo significado apresentado pelo Michaelis “asserção sem fundamento” pode ser explicado pela filosofia, que diz ser a opinião “um sentimento subjetivo que não está baseado num conhecimento científico das coisas. A opinião baseia-se simplesmente num sentimento vago que temos da realidade. Nesse sentido, a opinião contrapõe-se à ciência” (SPECULUM, 2009).

#### 4.2 A OPINIÃO NO JORNALISMO

“A imprensa não vive apenas dos episódios ocorridos num determinado dia, mas, também da discussão, do debate e da análise de acontecimentos ou situações intemporais – ou seja, que estão acontecendo, e não simplesmente que aconteceram” (ROSSI, 1980, p.17). Mesmo existindo discussões sobre como e por quem é apresentada essa opinião, incontestavelmente, percebe-se que existe esse espaço para a opinião complementar a informação.

Luiz Beltrão (1980, p.18), afirma que opinar para o jornalista, “não é apenas um direito, mas um dever, pois, de ofício, está incluído entre os que fazem profissão de opinar”. E dentro desse ofício, o jornalista deve buscar captar quais são os fatos, valores e objetos que são de importância na vida da sociedade, ou seja, respondendo as perguntas que ela apresenta.

Para o autor, existe cobrança sobre a atuação do profissional do jornalismo para que ele atue de forma a responder esses anseios, dos leitores, ouvintes ou telespectadores. “Reclama-se do profissional a transmissão tanto da informação como do comentário; que narre o fato, mas, opine sobre ele” (BELTRÃO, 1980, p.43).

Mas, se todo o jornalista tem o dever de opinar, “a imprensa, de acordo com o mito da objetividade, deveria colocar-se numa posição neutra e publicar tudo o que ocorresse, deixando ao leitor a tarefa de tirar suas próprias conclusões” (ROSSI, 1980, p.09). O próprio autor contrapõe essa colocação, dizendo que pode haver objetividade ou neutralidade em fatos concretos, como um acidente de trânsito (desde que não haja um amigo ou parente do jornalista envolvido). Fora isso, “ela é apenas um mito”. (ROSSI, 1980, p.10).

E em se falando de futebol, aí que “o buraco é mais embaixo”, pois, como afirma Beltrão (1980, p.20), “muitas vezes, o jornalista se equivoca, de modo especial quando as paixões estão exacerbadas em torno de um tema, acontecimento ou movimento”. Então, como não é possível dissociar futebol de paixão, a objetividade perde força quando o segmento é o jornalismo esportivo. Mas, é claro, sem perder de vista que a informação deve ser transmitida com realidade (GUIMARÃES, 2005, p.10).

#### 4.3 O QUE É COMENTAR?

Para responder à essa pergunta, novamente recorre-se aos dicionários, que apontam para amplas definições, mas que juntas, ajudam a formar o quadro da função do comentarista esportivo, que será visto mais adiante. No dicionário Aurélio (2008, p.153), o verbete “comentar”, tem três sucintas definições: “**1** Fazer comentário(s) sobre; **2** Conversar acerca de; **3** Criticar, analisar”. Nota-se que apesar da obviedade do primeiro conceito, os outros dois, já vem ao encontro do que se entende e se pode observar da função do comentarista.

Na mesma obra e mesma página, as definições mais completas são encontradas quando se confere o verbete “comentário”, que são bastante aplicáveis à realidade do jornalismo, e é claro da sua vertente esportiva. Lá encontra-se o seguinte: “1 Série de observações com que se esclarece e/ou critica uma produção literária ou científica, anotação. 2 Apreciação dum fato ou situação”.

A partir daí já se vêem bem definidas as noções inseridas do que é o ofício do comentarista, por conseguinte, do comentarista de futebol. Ele opina, ou seja, enxerga a partir de seus valores pessoais, emitindo parecer sobre determinado assunto. Mas, o profissional vai além de apenas ver e pensar um determinado objeto. A partir das suas observações, o comentarista analisa e critica, e por vezes, ajuda determinado assunto ou tema a se tornar entendível. No jornalismo, como já foi citado anteriormente, é cobrado que o jornalista não só informe, mas, que também comente e analise, tornando as informações mais acessíveis ao público (BELTRÃO, 1980, p.43).

## 5 O COMENTARISTA DE FUTEBOL

Já foi dito anteriormente que o locutor esportivo era um homem solitário, que tinha o dever de, via rádio, transmitir uma partida de futebol nos seus mínimos detalhes. Bem diferente do que acontece atualmente, onde a equipe incumbida de transmitir uma partida pode chegar a até sete integrantes, ou mais, em casos especiais<sup>1</sup>. Mas, quem pensa que a inserção de novos membros, no que hoje se chama de “equipe de esportes” foi, necessariamente, planejada, se engana.

A função do comentarista não existia no rádio. Desde a primeira transmissão, uma série de boletins feitos por Leopoldo Santana, no jogo Brasil x Argentina, pelo Sul-Americano de 22 (RIBEIRO, 2007, p.59); passando por nomes como Nicolau Tuma, Amador Santos, os precursores da função, o locutor não tinha o auxílio de um analista, apesar de alguns conciliarem a narração com a análise, como conta Luís Mendes sobre Gagliano Neto: “ele narrava e comentava simultaneamente. Na verdade, o Gagliano Neto tinha condições para isso, ele era um homem de uma facilidade de improviso muito grande, e conhecia todos os assuntos, ele não era só de futebol. Ele conhecia tudo, conhecia turfe, política” (APÊNDICE 1).

Mas, apesar de ser polivalente e capacitado, o próprio locutor, quando estava na *Rádio Clube do Brasil*, foi responsável por inserir a figura do comentarista nas transmissões esportivas. Entretanto, a novidade não surgiu de forma premeditada, e sim, como uma solução para um problema técnico existente nos primeiros anos do casamento entre o rádio e o futebol.

---

<sup>1</sup> A *Rádio Globo*, do Rio de Janeiro, por exemplo, transmite atualmente, algumas partidas contando com um narrador, dois comentaristas, dois repórteres de campo, um apresentador e um plantonista. Em jogos como clássicos ou finais de campeonatos, mais repórteres podem ser escalados para uma cobertura especial do evento.

Nessa época, em que eu acompanhava essas transmissões do interior, elas não tinham comentarista, botavam músicas no intervalo, músicas de sucesso, só isso. [...] E eu me lembro que isso aconteceu com Gagliano no Campeonato Sul-Americano de 1936, ele tava transmitindo o jogo Brasil e Peru. [...] Aí ele passou para o estúdio, para o estúdio tocar os discos que eles quisessem tocar e não voltou mais para ele, porque deu confusão, negócio de linha. Naquele tempo era rudimentar isso tudo. Então, deu confusão e ele pensou: ‘o que eu faço para prender a linha, pra não voltar a acontecer um fato desses?’ E tinha um jornalista do Rio Grande do Sul que estava cobrindo pro *Diário de Notícias*, de Porto Alegre, o nome dele era Ary Lund. O Ary Lund estava em Buenos Aires e o Gagliano teve essa idéia, ‘eu vou usar esse cara pra comentar’, porque ele não tinha ninguém que comentasse, não tinha ninguém com ele lá. [...] Aí ele botou no intervalo: ‘vamos ouvir aqui jornalista do *Diário de Notícias* de Porto Alegre, que está aqui, trabalhando no Campeonato Sul-Americano. Vamos ouvir a opinião dele’. E fez uma entrevista com ele, nem entregou pra ele ir comentando, fez perguntas e ele foi dando respostas. Ali surgiu na cabeça do Gagliano a idéia de fazer isso aqui. Quando ele voltou e ingressou na *Rádio Nacional*, ele usou o Pilar Drummond que era um jornalista esportivo do jornal *A Noite*. *A Noite* era também das Empresas Incorporadas ao Patrimônio Nacional (jornal *A Noite*, jornal *O Amanhã*, *A Noite Ilustrada*, *Revista Carioca* e a *Rádio Nacional*). Então ele usou do jornal da organização, um jornalista esportivo, que passou a meu ver, a ser o primeiro comentarista oficial do rádio brasileiro. (APÊNDICE 1)

Em São Paulo, a idéia foi posta em prática em 1940, quando “a *Rádio Cruzeiro do Sul* coloca Blota Júnior e Geraldo Bretas para comentarem os jogos” (GUERRA, 2002, p.21) Depois disso, vieram outros nomes importantes na consolidação do comentarista esportivo no Brasil. Alberto Mendes, na *Rádio Globo*; Lourival Pereira, na *Rádio Mayrink Veiga*; José Maria Scassa, na *Rádio Tupi*; Waldemar de Barros e Carlos Marcondes, na *Rádio Continental*; Thomaz Mazzoni, na *Rádio Cruzeiro do Sul*. Mas, a função era bastante diferente do que se vê atualmente. Inicialmente, os comentaristas só apareciam durante o intervalo da partida e no fim do jogo, quando era feita uma breve análise, como citado anteriormente e se “fazia uma espécie de resumo da partida, informando o placar, os autores dos gols e alguns dados estatísticos do jogo” (RIBEIRO, 2007, p.85).

Mas, esse período de atuação do comentarista foi crescendo, primeiramente, começando a aparecer com maior frequência durante o desenrolar da partida, como afirma Mendes:

quando comandava a equipe da *Rádio Globo*, a partir do ano de 1947, em cima dos 15 minutos, eu chamava o comentarista para fazer um panoramzinho pequeno, porque senão ia embolar [...] e a gente perde. E o Benjamim e o Geraldo Romualdo, que eram os dois comentaristas, o que estivesse atuando, efetivamente dava uma impressão sucinta do que tinha acontecido até aquele momento do jogo. (APÊNDICE 1)



A partir daí, novos nomes não paravam de surgir e os comentaristas foram ganhando mais e mais respeito do público. Benjamin Wright (pai do ex-árbitro e comentarista de arbitragem José Roberto Wright), Geraldo Romualdo, Ruy Porto, todos no Rio; enquanto em São Paulo, os maiores eram o ex-jogador Leônidas da Silva, Mauro Pinheiro e Mário Morais (MENDES, 1999, p.71-72). Cada vez mais, com a presença do comentarista, “a transmissão deixou de ser apenas um relato e passou a contar com a opinião de um especialista no assunto” (PERONI, 2007, p.90). Só faltava uma pequena mudança na linguagem do profissional da análise.

O comentarista era muito quadrado, vamos dizer assim, o comentarista no intervalo e no fim contava a história do jogo, dando minutos, dando tudo. Era muito fixado no andamento do jogo e tinha um linguajar que eu considero pesado: ‘aos trinta minutos do primeiro tempo, fulano pegou a bola, deu três dribles em beltrano, sicrano e fulano e foi em frente, entrou na área e na hora de chutar, caiu. Foi lamentável ver’. Era nesse tom, assim, o comentário, revivendo o lance, o diabo a quatro.

Mas, um dia chegou um sujeito chamado João Saldanha na crônica esportiva, e começou a fazer um comentário totalmente diferente. O comentário dele era conversado: ‘olha, se o time do Flamengo continuar aberto do lado esquerdo, vai cair do cavalo’, ou então: ‘se continuar esse zagueiro, furando da maneira como está, a vaca vai pro brejo’. Esses termos por mais populares, e tom conversado, entendeu? E aí mudou muito o caminho do comentarista. Porque passou a ser mais, digamos, mais coloquial, o comentarista deixou de ser quadrado, o que era da época, o cara não fazia isso porque quisesse, não era o único que fazia, todos faziam (APÊNDICE 1).

Com “João-Sem-Medo”, como Saldanha ficou conhecido, o comentário esportivo ganhou nova dimensão, que pode (ou deveria) ser encontrada em todos os profissionais da função: a simplicidade. Com o passar dos anos, o comentarista se torna uma figura presente durante toda a transmissão esportiva, como se pode observar, indo além do chamado de 15 em 15 minutos e acompanhando um jogo de futebol, mesmo que de menor importância, no rádio, ou na TV.

## 5.1. DEFINIÇÃO DA FUNÇÃO DO COMENTARISTA

Ao longo dos anos, a função foi ficando cada vez mais caracterizada, e delimitada, também, para que narrador, comentarista, repórter de campo (que foi implantado em seguida) não tivessem suas atribuições misturadas, e é claro confundissem quem estivesse acompanhando a transmissão. Assim sendo,

[...] o comentarista tem a função nobre de explicar e permitir ao torcedor que acompanhe o jogo de forma diferenciada. Entre tantas funções importantes, cabe a ele analisar o que aconteceu, o que pode acontecer e antever o que aconteceria numa partida. Analisar com consistência, por exemplo, quando um treinador muda a forma de um time jogar ou quando coloca em campo ou na quadra um determinado jogador. Ver realmente a partida, explicar ao torcedor o que está acontecendo e tentar prever, com a mesma simplicidade, o que ainda vai acontecer. (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p.78-79).

Além das definições mais teóricas, pode-se pensar o trabalho do comentarista, a luz de quem está acompanhando uma partida de futebol, seja ouvindo no rádio, ou assistindo pela televisão. Pois é atribuição deste profissional “explicar um fato que o ouvinte não viu e que lhe foi contado em tom emocionado. Fazê-lo criar um campo de futebol em sua cabeça para poder usar termos como ‘na altura da intermediária’ ou ‘na entrada da grande área’” (GUERRA, 2002, p.34). E mais do que uma função específica, o comentarista ganhou papel importante, principalmente no rádio, pois, “é o comentário que prende o ouvinte ao rádio durante, no intervalo e após o término da partida. Ele sustenta a narração dando consistência aos lances, apontando falhas e acertos e esclarecendo o que o torcedor não compreende” (PERONI, 2007, p.85).

Para a execução deste trabalho foram entrevistados alguns comentaristas do rádio e da televisão, e cada um respondeu como vê a função que executa. Nestas definições, percebe-se que os profissionais entendem seu trabalho de maneira semelhante aos teóricos anteriores, mas, também se podem vislumbrar outros pontos, que serão abordados posteriormente. O ex-goleiro do Cruzeiro e Flamengo, Raul Plassmann, atualmente no canal

*Sportv* e Gerd Wenzel, que comenta os jogos do Campeonato Alemão pela *ESPN*, tem visões complementares, que não se restringem ao campo do esporte. O primeiro afirma que o comentarista tem “a responsabilidade de orientar o que acontece ou o que aconteceu durante o evento com conhecimento de causa” (APÊNDICE 6); enquanto o segundo aponta quais são os dois pontos primordiais que norteiam o trabalho do analista: “informação e interpretação dessa informação são, a meu ver, as principais funções do comentarista, não apenas na área esportiva. Isto vale também para política, economia, etc.”(APÊNDICE 5).

O comentarista da *Super Rádio Brasil*, Francisco Aiello, revela certa dualidade existente no trabalho dos analistas de futebol:

Comentar é fácil e difícil ao mesmo tempo. Fácil porque a posição do comentarista é muito cômoda. Ele antes e durante o jogo faz um monte de ‘achismos’ e suposições. Se acerta, é gênio, é bom, sabe tudo etc. Se erra, arranja sempre uma desculpa para justificar. O bom é que não corre o risco de perder o emprego como ocorre com a maioria dos treinadores que escala e mexe mal nos times. É difícil porque cada veículo de comunicação tem o seu perfil de público. Um dos segredos é saber se comunicar de acordo com esse público. Já vi muita gente perder o emprego ou não agradar ao torcedor porque não conseguia falar a linguagem certa daquele receptor (APÊNDICE 4).

Definitivamente, uma missão ingrata, considerando o que afirma o comentarista da *Rádio Transamérica* de Curitiba, Cristian Toledo. Ele diz entender que o comentário “é o trabalho de tentar ‘traduzir’ para o ouvinte as tendências táticas e técnicas da partida de futebol” (APÊNDICE 2). O comentarista do *Bandsports*, Erich Beting, acrescenta a essa definição, uma característica mais recente do trabalho do profissional:

[...] o comentarista deve ser uma analista tático do jogo e, também, um fornecedor de informações que expliquem ou tentem explicar um pouco mais além daquilo que o torcedor está vendo em casa (APÊNDICE 3).

O experiente Luís Mendes, hoje comentarista da *Rádio Globo* do Rio de Janeiro, garante que a simplicidade na hora da análise deve ser premissa básica do analista, independente de sua característica e se ele estiver trabalhando no rádio ou na televisão. Ele diz que é necessário que não se complique muito as informações para quem estiver acompanhando a partida.

Porque o ouvinte não quer saber se o meio-de-campo tá fazendo isso, tá segurando a bola, como eu vejo muito comentarista fazer. Tem que dizer: “o meio-de-campo não está jogando bem”. Simplesmente isso (APÊNDICE 1).

O que todos concordam, é que o profissional incumbido da tarefa de comentar um jogo de futebol, tem que controlar suas emoções. Apesar de todos saberem que o comentarista pode ter um time de futebol, Aiello, Beting, Mendes, Plassmann e Wenzel, ressaltaram a importância da imparcialidade, mostrando, a partir desta amostragem, que o comentarista deve controlar suas emoções e apesar dos anseios de torcedor, não se postar a favor de um lado, mesmo que este seja a Seleção Brasileira.

## 5.2 NOVA ERA DO COMENTÁRIO

Schinner (2004, p.62) afirma que duas das características do comentarista esportivo são o passionalismo e o achismo. A primeira é definida pelo autor como “uso exagerado da emoção, da paixão clubística e do bairrismo”, enquanto a segunda, ele diz ser o “ato de se supor sem embasamento técnico”. Em termos gerais, a opinião de Schinner vai contra ao que foi dito pelos comentaristas entrevistados. Talvez, porque o autor pode ter se baseado em uma antiga imagem de profissional, que fazia sua análise de maneira mais subjetiva.

Coelho (2003, p.18) afirma que a mudança no perfil do jornalista esportivo, em geral, começou a ser sentida na década de 70, quando a subjetividade começou a dar lugar a uma busca incansável pela verdade dos fatos. Wenzel acrescenta dizendo que, hoje em dia, os mais jovens são importantes personagens nessa mudança, devido uma preparação intensa antes de se apresentarem para comentar um jogo, independente da modalidade.

Há colegas que levam revistas, livros, etc., para serem utilizados como subsídio para os seus comentários. Ou seja: a era dos comentaristas demasiadamente subjetivos e emocionais está com seus dias contados (APÊNDICE 5)

E se anteriormente, o comentarista poderia ser uma “estrela” de brilho mais ofuscante ao restante da sua equipe, Toledo, aponta que a transformação das funções também fez com que o comentarista voltasse a ser um profissional com a mesma dimensão que qualquer outro dentro de uma transmissão. “Não se pode comentar futebol hoje sem a compreensão do trabalho da equipe, e dos subsídios que eles podem trazer à análise” (APÊNDICE 2).

Difícil dizer o que, exatamente, fez mudar a forma do comentarista se portar. Percebe-se que há uma relação entre a inserção das novas tecnologias e essa redução da subjetividade na análise do profissional do comentário. De maneira geral, as inovações surgidas, resultaram em um aumento das informações a disposição do comentarista de futebol, e por conseqüência, se está à disposição, o torcedor espectador ou ouvinte, também quer desfrutar dela, como aponta Beting, sobre as novas tecnologias disponíveis:

[...] elas exigiram mais conhecimento técnico do comentarista. Sem ele, o torcedor facilmente está mais bem informado que quem teoricamente é mais especializado. Além disso, ao mesmo tempo essas novas tecnologias tornaram muito mais fácil o acesso à informação. Hoje é impossível você não conseguir informação sobre um determinado atleta ou time (APÊNDICE 3).

Outra inovação que foi agregada e incrementada ao comentário esportivo é a participação do ouvinte. Se antes, esporadicamente, emissoras de rádio abriam seus microfones para que, via telefone, um ouvinte que estivesse vendo o jogo, comentasse a partida, hoje, emissoras de rádio e TV usam telefone, portal de voz, mensagem de celular, internet (via email, Twitter, sites oficiais, Orkut). Aiello entende que essa participação do ouvinte, é uma realidade posta, e que o profissional precisa saber lidar com ela. “Eu, por exemplo, não abro mão de comentar os jogos com a participação do ouvinte. Através do email, ele manda a mensagem e a gente ‘discute’ o jogo junto” (APÊNDICE 4).

Entretanto, todas as inovações, também impõem uma condução cuidadosa por parte do comentarista, um exemplo disso é a imensa quantidade de dados estatísticos se obtém durante uma transmissão. Hoje, em qualquer transmissão é possível se observar em tempo real os mais variados números da partida. Chutes a gol, passes errados, escanteios, impedimentos, já se tornaram corriqueiros. E hoje já se pode saber quanto cada jogador correu, qual o espaço que costuma percorrer. Porém, tanta informação por vezes é utilizada de forma incorreta, ou sub-utilizada.

[...] Para lidar com dados estatísticos é preciso ter muito cuidado, pois uma leitura equivocada pode acarretar uma interpretação completamente errônea e sugerir uma outra visão da partida de futebol.

A falta de preparo por grande parte da imprensa, ou pelo desconhecimento desta área, tem feito com que o “scout” no futebol induza a opiniões às vezes equivocadas por parte dos comentaristas esportivos (VENDITE, VENDITE, MORAES, 2005, p.04).

E de acordo com os profissionais entrevistados, essa quantidade de informação disponível tem seu lado negativo, e causado, em partes, pela quantidade de jogos transmitidos pela TV, o que tem promovido uma grande quantidade de transmissões por *off-tube*<sup>2</sup>. Toledo afirma que essa prática é uma forma das emissoras levarem ao ar o maior número de jogos possíveis, sem precisar gastar com deslocamento de equipes inteiras (APÊNDICE 2). Quem perde com essa cobertura é o comentarista e por conseqüência, o ouvinte, como assegura Beting: “ela não permite que você tenha o que é o grande diferencial em relação a quem está em casa, que é a visão espacial do jogo. Quando você está no campo, consegue entender e perceber variações táticas, algo que é fundamental no comentário” (APÊNDICE 3)

Voz dissonante, dentro do grupo de entrevistados é Mendes, que não vê perda de qualidade nas transmissões feitas no estádio, e no estúdio, citando seu próprio caso, pois, atualmente, o comentarista, devido a problemas de saúde, trabalha em casa. Para ele, o *off-*

---

<sup>2</sup> Convencionou-se chamar de narração *off-tube* aquela em que narradores e comentaristas do rádio [mas, que também passou a ser utilizado na TV] transmitem uma partida do estúdio, sem ir ao estádio, diante de um aparelho de televisão sintonizado na emissora que transmite a partida. Esse hábito começou na Copa do Mundo da Inglaterra, em 1966, quando não havia cabines suficientes nos estádios e a maioria das equipes de rádio permanecia no centro de imprensa, recebendo as imagens e o som ambiente. (JUNG apud SANT`ANNA, 2007, p.26)

*tube* é uma prática amplamente difundida, e que se apóia em recursos como o *replay* e o *tira-teima*, existentes na transmissão da TV. Essa riqueza de informações, faz, para ele, a transmissão ser perfeita, como as *in loco* (APÊNDICE 1).

### 5.3 O COMENTARISTA, O TORCEDOR E O ÓBVIO

E se a quantidade de jogos transmitidos gera a banalização do *off-tube*, também traz outra dor de cabeça ao comentarista: a especialização de quem acompanha futebol. Como Beting já afirmou anteriormente, se o profissional não estiver preparado adequadamente para uma transmissão, corre o risco de entrar “em campo” sabendo menos do que seu ouvinte ou telespectador. Para Mendes, alguns comentaristas tem se perdido diante dessa situação, tentando enxergar até o que não existe e explica que:

[...] o sujeito que está vendo o jogo, tem seu próprio comentário, ora bolas! O comentarista pode até contrariar o que o telespectador está pensando a respeito do andamento de um jogo. Pode o telespectador achar que o Lúcio Flávio está jogando uma barbaridade e o comentarista chegar e “olha, hoje muito mal esse jogador”. Como eu tenho visto aí, eu assisto muito jogo pela televisão e vejo, às vezes, os comentaristas desancando a madeira em jogador que está jogando bem. Inventando que o cara ta fugindo das dividas, tirando o pé dos lances. Uma série de coisas que a gente e que ninguém está vendo. E na televisão você tem que ter muito cuidado, porque todo mundo está vendo (APÊNDICE 1).

Outra crítica que acaba se fazendo ao comentarista de futebol é o ‘falar o que é óbvio’. O que para Barbeiro e Rangel (2006, p.79) significa esperar as coisas acontecerem para fazer sua análise. Toledo garante que isso pode ser explicado pela paixão de quem acompanha o futebol. Pois todos que acompanham o futebol se colocam no lugar do comentarista. “Então, se a análise foge do que pensamos, o cidadão é mau comentarista. Se ele vê a mesma coisa que nós, só enxerga o óbvio” (APÊNDICE 2).

Beting concorda que, com o torcedor cada vez mais bem informado, é um desafio para o profissional, ir além da análise rasa. Contudo, ele também aponta para o excesso de trabalho, como um fator para que o comentarista não consiga estar 100% interado de tudo o que acontece no mundo do futebol (APÊNDICE 3). Já Wenzel e Plassmann consideram que essa situação é motivada pela existência de alguns maus profissionais nas transmissões esportivas, que acabam denegrindo a imagem da classe como um todo. Aiello concorda que alguns comentaristas se fixam em dizer o que todo mundo já sabe, mas acredita que em alguns momentos, a própria partida apresenta ao comentarista, como conduzir sua análise, e que não há uma regra na hora de manter ou não sua opinião, diante de uma alteração de placar, por exemplo (APÊNDICE 4).

Barbeiro e Rangel (2006, p.79) apresentam uma receita simples para que o comentarista não caia na obviedade, o que reforça a necessidade da constante qualificação:

[...] o comentarista precisa ter conhecimento do assunto, experiência e a vivência no esporte. Mais do que qualquer membro da equipe, o comentarista precisa ter conhecimento profundo das regras do esporte sobre qual fala ou escreve. Não é desdouro para ninguém levar para o local do jogo um manual com as regras definidas e claras do esporte que está sendo disputado.

Essa sugestão vai de encontro a características observadas em vários profissionais do comentário, que atuam atualmente. Analistas que começaram a aparecer nas TVs por assinatura, principalmente, a partir da entrada de novas transmissões, que até os anos 80, não existiam no Brasil.

#### 5.4 UM NOVO COMENTARISTA

No final da década de 80, começaram a ser transmitidas partidas do Campeonato Italiano na *TV Bandeirantes* (SCHINNER, 2004, p.26). Sem a possibilidade de enviar



repórteres para o local do jogo, a emissora utilizou um sistema diferente de transmissão. Começou-se a utilizar um comentarista (mesmo que por vezes, houvesse outro ao seu lado<sup>3</sup>) que apresentava as equipes, as cidades, torcidas, além da cultura do país. Sílvio Lancellotti e Giovanni Bruno eram os incumbidos dessa missão. Na *Cultura*, que passou a deter os direitos do Campeonato Alemão, foi adotada a mesma prática, com a presença de Gerd Wenzel, que apesar de nunca ter tido experiência anterior na TV foi o escolhido pelo seu alto grau de conhecimento do futebol daquele país, além de falar bem o português e o alemão (COELHO, 2003, p.51)

Talvez, essas escolhas tenham sido feitas, devido à dificuldade em conseguir informações detalhadas sobre os campeonatos e clubes. Apesar de também não ter sido fácil, para esses profissionais “super-especializados”, se manterem atualizados, como revela Wenzel: “quando fazia os comentários na *TV Cultura*, minha única fonte de informação eram jornais e revistas da Alemanha que vinham com alguns dias de atraso em relação à rodada que transmitíamos. Hoje, graças às novas tecnologias, a informação é em tempo real”. (APÊNDICE 5)

Coelho (2003, p.51), defende a utilização que ainda se faz desses comentaristas “caseiros”<sup>4</sup>. Para o autor, é importante tê-los na transmissão, porque, esses profissionais conhecem bem a cultura e a geografia do país, além das peculiaridades dos times envolvidos na disputa. Entretanto, cabe ressaltar, que mesma prática não foi seguida em outras transmissões, como as dos Campeonatos Espanhol, Português, Francês, Inglês, Holandês e Russo, todos exibidos atualmente por canais brasileiros. Nestes, se manteve o uso do comentarista “convencional”, ou melhor, de um novo comentarista, pois estes trazem

---

<sup>3</sup> Normalmente, Giovanni Bruno era utilizado apenas para falar da cultura italiana, e ao seu lado ficava um comentarista tático e técnico, como Juarez Soares, ou o próprio Sílvio Lancellotti.

<sup>4</sup> Gerd Wenzel segue comentando jogos do Campeonato Alemão e de equipes do país em competições européias, pela *ESPN Brasil*; assim, como Sílvio Lancellotti, que, no mesmo canal, segue comentando os jogos de equipes italianas.

características que os profissionais que atuavam e atuam em transmissões de partidas nacionais, não utilizam.

Observa-se durante as transmissões de campeonatos europeus na televisão aberta ou por assinatura<sup>5</sup>, que não há presença de repórter de campo, como se convencionou a ver nas transmissões de competições disputadas no Brasil, seja na TV ou no rádio. Com isso, o comentarista passa a ter uma função diferente, como explica Beting:

O comentarista, sem o repórter, assume também a função de informar. Ele vira uma espécie de repórter diferenciado, que não traz informações da beira do campo, mas informa o público sobre o atleta e o time, algo que quando tem um repórter na transmissão, acaba sendo feito por ele (APÊNDICE 3).

A partir de observação de inúmeras transmissões realizadas pelos canais que acompanham os campeonatos internacionais, assim como Lancellotti, Bruno e Wenzel, os comentaristas também tentam trazer, em menor escala, é verdade, informações sobre o país, sobre a cidade onde o jogo acontece e sobre as equipes. Entretanto, em geral, predominam as informações sobre dados estatísticos, das equipes envolvidas na partida e do campeonato. Entretanto, essa característica já existiu isoladamente. Ribeiro (2007, p.204), aponta que já no final da década de 60, o comentarista da *Rádio Jovem Pan* de São Paulo, Cláudio Carsughi, já baseava suas análises em dados estatísticos.

Contudo, Mendes lamenta a utilização cada vez menor do repórter de campo e entende que “o comentarista não compensa a falta de um repórter. Porque o repórter consegue entrevista e tem alguns momentos em que ele pode entrar na transmissão para esclarecer fatos que estão acontecendo nas arquibancadas” (APÊNDICE 1).

Mas, apesar dessa restrição, devido ao uso do *off-tube* nas transmissões de competições internacionais, que não permitem o comentarista ter essa ambientação, ele se torna um repórter dentro da transmissão em vários momentos. Beting, por exemplo, em

---

<sup>5</sup> Na TV por assinatura, *ESPN* transmite os campeonatos Alemão, Espanhol, Holandês, Inglês, Italiano, Russo, além da Liga dos Campeões e da Liga Europa; a *Sportv* transmite os campeonatos Francês e Italiano; o *Bandsports* transmite o Campeonato Português; na TV aberta, a *Band* transmite a Liga dos Campeões, a *Gazeta* transmite os campeonatos Inglês e Italiano e a *Redetv* transmite a Liga Europa.

definição já citada anteriormente coloca o comentarista como quem, também é responsável por fornecer a informação. Definitivamente, superando assim, a subjetividade como característica do comentarista de futebol.

## 6 CONCLUSÃO

Quando pensado inicialmente, havia a intenção de tratar esse trabalho como um guia, ou um manual, para aqueles que desejam atuar na função do comentarista de futebol. Entretanto, verificou-se que há reduzida literatura sobre o tema. Mesmo em manuais de jornalismo ou de locução esportiva, o espaço reservado para o comentarista é limitado. Normalmente há apenas uma pequena descrição do trabalho que o profissional exerce, e sugestões como “não falar o óbvio”, “manter-se atualizado”. Dicas úteis, claro, mas, era preciso ir além.

Por isso, foi necessário abordar alguns temas mais gerais, para que se pudesse traçar um panorama do comentário dentro de um esporte que mexe com o coração do torcedor. Foi apresentada uma breve história do futebol, no mundo e no Brasil. Isto se fez necessário, para verificar o tamanho da paixão que o esporte envolve. A relação do público com o futebol transcende o mero “acompanhar uma prática esportiva”. A grande maioria dos fãs do futebol tem o esporte presente em boa parte do seu dia, sendo também comentaristas, seja assistindo pela TV, acompanhando no estádio, conversando no “botequim”.

Ou seja, muitas vezes quem acompanha o futebol participa do evento, e aí entra o jornalismo esportivo, que, de certa forma, faz o intermédio dessa relação. O torcedor, além das discussões diárias que trava sobre o “esporte bretão”, também está sempre ligado nas notícias do seu time e dos adversários. E se no início havia pouco destaque para as notícias do futebol, com jornalistas lutando pela publicação de notícias, hoje é possível encontrar jornais, programas de rádio e até canais de televisão por assinatura dedicados 100% ao esporte.

Na década de 20 ganharam espaço as transmissões esportivas, inicialmente feitas pelo rádio e depois pela televisão. Primeiro, eram narradores isolados, sem a presença de

comentaristas e repórteres, que surgiram depois. A transmissão era repleta de emoção, e, no rádio, as partidas ganhavam outra dimensão, afinal, o torcedor não estava vendo a bola rolando, e o narrador precisava fazer com que ele mantivesse o ouvido colado no aparelho, mesmo que por vezes, alguns fatos fossem supervalorizados para aumentar o interesse em relação a determinado jogo ou competição.

Os primeiros comentaristas, que eram cronistas do jornalismo impresso, também eram dessa “escola”, mas, surpreendentemente, enganam-se os que acreditam que os comentários e as análises eram estritamente subjetivos. Pelo contrário. Luís Mendes garante que os precursores da função tinham linguagem pesada e extremamente minuciosa na descrição. Só com nomes como Mário Filho, no cronismo impresso, e João Saldanha, no rádio, o esporte ganhou outra dimensão no jornalismo, em um momento que pode-se chamar de período “romântico” do comentário esportivo, e que deu ao Brasil grandes nomes como Ruy Porto, Armando Nogueira, Mário Moraes, e claro, para muitos, o maior de todos eles, o próprio João Saldanha.

Não que essa subjetividade significasse que fosse necessário dar uma “maquiada” na verdade, como nas primeiras transmissões. Mas, a linguagem do comentarista de futebol, se tornou mais popular. Os profissionais começavam a falar para o torcedor da arquibancada, para o que estivesse ouvindo no “boteco”. O comentarista na verdade, mesmo que à distância, entrava nas discussões, servindo algumas vezes como uma base para a opinião do torcedor.

Viu-se que a “opinião” é um juízo pessoal, e que são deveres do jornalista narrar, informar e comentar os fatos que acontecem. No jornalismo esportivo, há o mesmo dever do profissional. Porém, nas transmissões esportivas, esses três deveres foram separados, cada um em uma função. O locutor narra, o repórter informa e o comentarista opina.

Contudo, com a popularização da televisão, a função passou por transformações. O comentarista que, até então era o dono absoluto da verdade, para aqueles que não estavam

vendo a partida, não estava mais sozinho. Sem a TV, o profissional da análise recontava o jogo, apontando para detalhes que construía a sua história; explicava as causas e conseqüências do placar; por vezes, imortalizava craques. Mas, com todos de olho na “telinha”, cada torcedor, também poderia ser comentarista.

E certos profissionais não conseguiram trabalhar com a imagem, aproveitando-a para fazer do seu comentário um diferencial dentre as diversas transmissões. Algo que acontece mesmo que no rádio, onde por muitas vezes o profissional não está presente no estádio, ou faz a transmissão *in loco*, auxiliado por monitores de TV. Muitos ficam por falar o óbvio, ou então, preferem lutar contra o que aparece na tela. Percebe-se, depois das entrevistas e leituras, que para tentar enriquecer a análise, o comentarista precisa saber lidar com os números, estatísticas, hoje em dia, sempre presentes; além da contínua especialização. A questão não é deixar de falar o óbvio, pois, algumas vezes, este é necessário para que, mesmo os mais leigos, possam acompanhar uma transmissão. É preciso que o comentarista fale, analise e explique o que está acontecendo, mas, sempre baseado em informações concretas, que ele deve buscar.

Certamente, esse “novo perfil” de comentarista, mais conectado com a imagem, já exista nas TVs por assinatura. Tudo devido as transmissões de campeonatos internacionais. Sem a presença do repórter, o comentarista acumula os deveres de “informar” e “analisar”, claro, com a restrição de não estar no campo de jogo e perder vários lances e fatos que acontecem no estádio. Mas, esse novo profissional já aparece em outros jogos “convencionais”, ou seja, de competições nacionais, com a presença de repórter, e começa a ganhar destaque. O que ocorre pela quantidade de informação acumulada, da capacidade de enxergar nas estatísticas, uma imensa gama de possibilidades.

Saber tudo de futebol e falar a língua da “galera” deixaram de ser os requisitos básicos para o profissional do comentário. Claro que essas características ainda são

necessárias, assim como deixar de falar o óbvio e se manter estudando sempre. Mas, é preciso saber lidar com a imagem (mesmo que no rádio), analisar dados, ter um acúmulo de informações sobre jogadores, times e competições.

Mesmo que fugindo de qualquer denominação de “guia” ou “manual”, pode-se afirmar neste trabalho que o comentarista cada vez mais necessita de atualização não só técnica, mas, também tecnológica. Se é preciso estudar, é preciso também se manter “antenido” na linguagem com que ele transmite sua opinião, mas, também é fundamental que ele consiga lidar com os avanços tecnológicos das transmissões. Se antes era o *replay* e as câmeras lentas, agora são dezenas de ângulos diferentes para o mesmo lance, programas de computador que fazem leituras dos espaços percorridos pelos jogadores, entre outras novidades. Inovações que não podem ser tratadas com receio, e sim aproveitadas, para que o comentarista execute um trabalho ainda mais eficiente, e para que o público ganhe um trabalho ainda mais qualificado em sua casa.

## 7 REFERÊNCIAS

A HISTÓRIA DO FUTEBOL: Um jogo mágico. Direção e Produção: Freemantle Media. [S.l.] LW Editora – Brasil c2001. 1DVD (217 min.), widescreen, color., legendado.

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2006. 188 p.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Opinativo**. 1. ed. Porto Alegre: Editora Sulina – ARI, 1980. 118 p.

BRINATI, Francisco Ângelo. **“Pelas Barbas do Profeta”**: Silvio Luiz e a busca da identidade da narração futebolística para a TV. 2005. 112 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2005.

CAMARGO, Vera Regina Toledo. **O telejornalismo e o esporte-espetáculo**. 1998. s/p. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

CARAUTA, Alexandre; CARVALHO, Sérgio Vieira Rodrigues de. Futebol como espetáculo: caminhos para conservar valores clássicos do jornalismo na transmissão esportiva em televisão. In: XXXII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2009, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Intercom, 2009. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-3781-1.pdf> >. Acesso: 01 set. 2009.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2003. 120 p.

GUERRA, Márcio. **Você, ouvinte, é a nossa meta**: A importância do rádio no imaginário do torcedor do futebol. 1. ed. Rio de Janeiro: Etc Editora, 2002. 92 p.

GUIMARÃES, Fernanda Couto. **O futebol no jornalismo esportivo**: o papel da mídia impressa na criação dos ídolos de massa. 2005. 61 f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Bacharelado em Comunicação Social) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

JF EM PAUTA. Disponível em < <http://www.jfempauta.com> >. Acesso em: 13 de outubro de 2009.



KLEIN, Marco Aurélio; AUDININO, Sergio Alfredo. **O almanaque do futebol brasileiro**. 1 ed. São Paulo: Editora Escala, 1996. 350 p.

MENDES, Luiz. **7 mil horas de futebol**. 1. ed. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos Editora, 1999. 238 p.

MODERNO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA – Uol – Michaelis. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br>>. Acesso: 24 de outubro de 2009.

NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO. 3. ed. Curitiba: Editora Positivo, 2008. 543p.

OLIVEIRA, Guilherme Henrique Castro. **Sport News**: um estudo de caso do jornalismo esportivo na TV fechada. 2009. 90 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.

PERONI, Ariana Elaine. **Imparcialidade, verdade e ética**: o futebol é um jogo? 2007. 174 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul.

POLI, Gustavo; CARMONA, Lédio. **Almanaque do futebol**. 1. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006. 344 p.

RIBEIRO, André. **Os donos do espetáculo**: histórias da imprensa esportiva do Brasil. 1. ed. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007. 326 p.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. 10. Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994. 88 p.

SANT'ANNA, Cleverson de Mello. **O futebol mineiro no rádio**. 2007. 63 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Departamento de Artes e Humanidades, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2007.

SCHINNER, Carlos Fernando. **Manual do locutor esportivo**: como narrar futebol e outros esportes no rádio e na televisão. 1. ed. São Paulo: Editora Panda Books, 2004. 278 p.

SOUSA, Li-Chang Shuen Cristina Silva. **Noticiário Esportivo no Brasil**: uma resenha histórica. Revista Lâmina. Recife, n. 1, 2005. Disponível em: <<http://www.ppgcomufpe.com.br/lamina/>>. Acesso em 03 de setembro de 2009.

SPECULUM: Vocábulo da filosofia. Disponível: < <http://www.filoinfo.bemvindo.net/filosofia>>. Acesso em 20 de outubro de 2009.

UNIVERSIDADE DO FUTEBOL. Disponível em < <http://www.cidadedofutebol.com.br>>. Acesso em 07 de outubro de 2009.

VENDITE, Caroline Colucio; VENDITE, Laércio Luis; MORAES, Antonio Carlos de. Scout No Futebol: Uma Ferramenta Para a Imprensa Esportiva. In: XXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2005, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Intercom, 2005. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1590-1.pdf>>. Acesso: 22 set. 2009.

## **APÊNDICE**

### **Entrevistas**

## APÊNDICE A - Luís Mendes<sup>1 2</sup>

### **Como eram as transmissões esportivas sem a presença do comentarista?**

Eu era bem menino quando comecei a acompanhar transmissões de futebol da Argentina, do Uruguai, da capital do meu estado, Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro. Então, eu tinha um panorama geral do rádio esportivo. Eu me recordo daqueles primeiros locutores que o Brasil teve, por exemplo, Gagliano Neto, que o destino fez com que eu o substituísse na *Rádio Globo* em 1947, mas, nesse tempo, em 1936, eu nem pensava que poderia ser um dia locutor esportivo. Eu ouvia o Gagliano Neto com admiração, porque ele era extraordinariamente um grande locutor. Eu ouvia os locutores da Argentina, Fioravante e o Lallo Pelicciari, que eram famosos em Buenos Aires e dividiam a sintonia lá da Argentina. Eu ouvia o irmão do Lallo Pelicciari, que era uruguaio, embora trabalhasse na Argentina, o Checho Pelicciari, irmão dele, que era da *Rádio Sport* de Montevideú.

Em suma eu fiquei ouvindo esses locutores. Eu como falo os dois idiomas, o espanhol e o português, eu poderia na hora em que, estando em Porto Alegre resolvi vir para o Rio de Janeiro, podia ter dobrado para a direita e ido para Argentina ou para o Uruguai e trabalhado por lá. Mas, resolvi vir para o Rio de Janeiro, já com bastante sintonia como locutor esportivo da *Rádio Farroupilha* em Porto Alegre, era, aliás, a estação mais ouvida lá do Sul, eu vim pra cá.

---

<sup>1</sup> Comentarista desde 1977, Luís Mendes, conhecido como “O Palavra Fácil”, atualmente comenta no Sistema Globo de Rádio, no Rio de Janeiro, composto pela *Rádio Globo AM*, *Rádio CBN* e *Globo FM*.

<sup>2</sup> Entrevista realizada em 09/11/2009 na cidade do Rio de Janeiro e com registro em vídeo.

Nessa época, em que eu acompanhava essas transmissões do interior, elas não tinham comentarista, botavam músicas no intervalo, músicas de sucesso, só isso. Tocavam os discos das músicas mais evidentes da época. E eu me lembro que isso aconteceu com Gagliano no Campeonato Sul-Americano de 1936, ele tava transmitindo o jogo Brasil e Peru, no Campeonato Sul-Americano, repito. Aí ele passou para o estúdio para o estúdio tocar os discos que eles quisessem tocar e não voltou mais para ele, porque deu confusão, negócio de linha. Naquele tempo era rudimentar isso tudo. Então, deu confusão e ele pensou: “o que eu faço para prender a linha, pra não voltar a acontecer um fato desse?” E tinha um jornalista do Rio Grande do Sul que estava cobrindo pro *Diário de Notícias* de Porto Alegre, o nome dele era Ary Lund. O Ary Lund estava em Buenos Aires e o Gagliano teve essa idéia, “eu vou usar esse cara pra comentar”, porque ele não tinha ninguém que comentasse, não tinha ninguém com ele lá. Não havia o negócio de equipe, era ele sozinho. Aí ele botou no intervalo “vamos ouvir aqui jornalista do *Diário de Notícias* de Porto Alegre, que está aqui, trabalhando no Campeonato Sul-Americano, vamos ouvir a opinião dele”. E fez uma entrevista com ele, nem entregou pra ele ir comentando, fez perguntas e ele foi dando respostas.

Ali surgiu na cabeça do Gagliano a idéia de fazer isso aqui. Quando ele voltou e ingressou na *Rádio Nacional*, ele usou o Pilar Drummond que era um jornalista esportivo do jornal *A Noite*. *A Noite* era também das Empresas Incorporadas ao Patrimônio Nacional (jornal *A Noite*, jornal *Amanhã*, *A Noite Ilustrada*, *Revista Carioca* e a *Rádio Nacional*). Então ele usou do jornal da organização, um jornalista esportivo, que passou a meu ver, a ser o primeiro comentarista oficial do rádio brasileiro. O outro foi uma solução para um problema, que deu a ele a idéia de usar um jornalista como comentarista. Então, o Pilar Drummond foi, a meu ver, o primeiro comentarista. Depois vieram outros, o Alberto Mendes, que o próprio Gagliano lançou na *Rádio Globo*, o Lourival Pereira, que foi o (Oduvaldo) Cozzi que usou na *Rádio Mayrink Veiga*.

Só que o comentarista não tinha obrigação de ter uma voz radiofônica, o primeiro que teve, assim uma voz radiofônica, uma voz de rádio mesmo, foi o Benjamim Wright, pai do José Roberto Wright, que hoje também é comentarista, de arbitragem, e que foi sem dúvida um dos maiores árbitros brasileiros. Então, o nosso Gagliano Neto foi o lançador do comentarista.

**Quando o narrador era esse homem solitário na transmissão, ele narrava e comentava?**

Ele narrava e comentava simultaneamente. Na verdade, o Gagliano Neto tinha condições para isso, ele era um homem de uma facilidade de improviso muito grande, e conhecia todos os assuntos, ele não era só de futebol. Ele conhecia tudo, conhecia turfe, política, tudo ele sabia.

**Quando o comentarista passou a falar durante todo o jogo e quem foi o responsável?**

Isso foi eu, eu quando comandava a equipe da *Rádio Globo*, a partir do ano de 1947, em cima dos 15 minutos, eu chamava o comentarista para fazer um panoramzinho pequeno, porque senão ia embolar, e a gente perde. E o Benjamim (Wright) e o Geraldo Romualdo, que eram os dois comentaristas, o que estivesse atuando, efetivamente dava uma impressão sucinta do que tinha acontecido até aquele momento do jogo.

Então, o comentarista esporádico dentro da transmissão, foi uma invenção do seu amigo aqui. Talvez, eu tivesse sabendo que um dia eu seria comentarista, para ter um pouco para ter um pouco mais de presença nas atrações.

**O que mudou na função do comentarista após o momento em que ele passou a falar durante toda a partida?**

O comentarista era muito quadrado, vamos dizer assim, o comentarista no intervalo e no fim contava a história do jogo, dando minutos, dando tudo. Era muito fixado no andamento do jogo e tinha um linguajar que eu considero pesado. “Aos trinta minutos do primeiro tempo, fulano pegou a bola, deu três dribles em beltrano, sicrano e sultano e foi em frente, entrou na área e na hora de chutar, caiu. Foi lamentável ver”. Era nesse tom, assim, o comentário, revivendo o lance, o diabo a quatro.

Mas, um dia chegou um sujeito chamado João Saldanha na crônica esportiva, e começou a fazer um comentário totalmente diferente. O comentário dele era conversado. “Olha, se o time do Flamengo continuar aberto do lado esquerdo, vai cair do cavalo”, ou então, “se continuar esse zagueiro, furando da maneira como está, a vaca vai pro brejo”. Esses termos por mais populares, e tom conversado, entendeu? E aí mudou muito o caminho do comentarista. Porque passou a ser mais, digamos, mais coloquial, o comentarista deixou de ser quadrado, que era da época, o cara não fazia isso porque quisesse, não era o único que fazia, todos faziam.

Eu me lembro que eu não era comentarista na época, e até foi engraçado, porque teve um sujeito...tem alguns caras que não gostam da gente; e houve um que escreveu um dia num livro sobre a vida do João Saldanha, que o João Saldanha foi lançado como comentarista para enfrentar a minha verbologia, foi assim que ele usou o termo, e a ranhete do Scassa. Só que

o João Saldanha praticamente foi lançado como comentarista quando eu era narrador, eu não era comentarista. Não era por minha causa que lançaram esse estilo, não. Porque na televisão, quem lançou o João Saldanha fui eu. Ele era comentarista da *Rádio Guanabara*, e eu comandava a equipe da *TV Rio*. E eu o convidei para participar daquela Grande Revista Esportiva Facit, que foi a primeira mesa-redonda de esportes da televisão, tinha o Néelson Rodrigues, tinha ele, João, tinha o Zé Maria Scassa e o Armando Nogueira. Então, essa mesa-redonda fez um sucesso muito grande aqui no Rio. E o Saldanha trabalhava ali, e dali ele passou a comentar futebol comigo na *TV Rio*. E foi a partir da *TV Rio* que ele se projetou nacionalmente, ficou uma figura das mais conhecidas, a ponto de ter sido convidado para ser técnico da Seleção Brasileira, já que ele havia sido técnico do Botafogo, campeão em 1957. Então, esse cara que escreveu isso, até um sujeito bem conhecido e inteligente, bom jornalista, escreveu gratuitamente sem ser verdade. Eu podia ter dito, “olha, você é mentiroso, você escreve bem mais é mentiroso”, mas, eu não quis nada, deixei pra lá, porque eu sabia que não era verdade e a verdade...não tem pernas curtas, a verdade tem pernas longas e tem botas de sete léguas.

### **Como você caracteriza o comentário do rádio? E da TV?**

O comentário do rádio tem que ser feito em cima do andamento de um jogo de futebol, sem complicar muito. Porque o ouvinte não quer saber se o meio-de-campo tá fazendo isso, tá segurando a bola, como eu vejo muito comentarista fazer. Tem que dizer: “o meio-de-campo não está jogando bem”. Simplesmente isso. “Os passes estão sendo muito errados por partes do jogador fulano”. Ainda ontem eu ouvi isso no jogo do Botafogo contra o Coritiba. Os comentaristas, eram dois, estavam desancando a madeira no Lúcio Flávio e eu estava achando



que o Lúcio Flávio estava jogando bem. Tava passando bem a bola, tava armando o jogo, não estava, porque ele não é disso, não estava dividindo bolas toda hora, mas, tudo bem. Mas, com a bola no pé, ele estava fazendo todas as jogadas bem. De repente, o Lúcio Flávio dá uma arrancada e faz um golaço, queimou a língua deles.

O sujeito tem que ter cuidado para não queimar a língua. O sujeito outro dia me perguntou, no jogo do Cruzeiro com o Fluminense, quando terminou 2 a 0, se eu achava o Fluminense capaz de reagir. Eu disse: “Olha aqui, é muito difícil porque o Cruzeiro é um grande time, mas, eu já vi no futebol, e eu já estou nisso há muito tempo, coisas até mais difíceis do que a tarefa do Fluminense. Porque, porque eu vi o Vasco da Gama terminar um jogo da Taça Mercosul perdendo de 3 a 0 o primeiro tempo e ganhar de 4 a 3 e ser campeão. Vi o Botafogo perder de 5 a 0 do Atlético Mineiro, em Belo Horizonte e empatar o jogo em 5 a 5. Eu vi! Então não é difícil que o Fluminense consiga, desde que tenha uma atuação perfeita, e que as coisas se ajeitem de tal forma, que isso possa acontecer, que ele venha e ganhe o jogo de 3 a 2. Quem é que pode dizer que não? O futebol tá cheio dessas histórias. Foi a minha resposta! Para não queimar a língua! A resposta mais lógica seria: “ah, não vejo jeito, o time do Cruzeiro é muito melhor do que o Fluminense, está ganhando por 2 a 0, jogando em casa, como é que eu vou esperar que isso seja diferente?”. Mas, eu deixei uma portinha, não digo que fosse uma porta, uma janela aberta para a luz do sol entrar. E entrou! Tive sorte.

Na TV é quase a mesma coisa. Na televisão o grande problema é que o telespectador é também comentarista. Porque o sujeito que está vendo o jogo, tem seu próprio comentário, ora bolas! O comentarista pode até contrariar o que o telespectador está pensando a respeito do andamento de um jogo. Pode o telespectador achar que o Lúcio Flávio está jogando uma barbaridade e o comentarista chegar e “olha, hoje muito mal esse jogador”. Como eu tenho visto aí, eu assisto muito jogo pela televisão e vejo, as vezes, os comentaristas desancando a

madeira em jogador que está jogando bem. Inventando que o cara ta fugindo das dividas, tirando o pé dos lances. Uma série de coisas que a gente e que ninguém está vendo. E na televisão você tem que ter muito cuidado, porque todo mundo está vendo. Nas arbitragens, por exemplo, ontem, nessa rodada, nós tivemos dois gols lícitos: um feito pelo Obina, contra o Fluminense, em que não houve nada de anormal e o juiz anulou; o outro feito pelo Fabel do Botafogo contra o Coritiba, que também não houve nenhuma anormalidade e o juiz anulou. Então, a gente tem que dizer isso, doa a quem doer. Eu sei que isso aí dói no torcedor do Fluminense. “Ah, se o juiz viu. O juiz deve ter visto alguma coisa”, diz o torcedor do Fluminense. Mas, o juiz não pode ter visto nada, porque não houve nada, mesma coisa do outro lance. A gente tem que ter esses cuidados, porque sabe que o torcedor é um comentarista parcial. Ele comenta tudo a favor do time dele. E o comentarista tem que ser imparcial, tem que ser absolutamente dono da verdade, ou pelo menos, tentar ser o dono da verdade, doa a quem doer.

### **Como foi seu ingresso na função de comentarista?**

Foi o seguinte: eu estava como narrador da *TV Rio*, aí o Ruy Porto, que era um grande comentarista, saiu da *Rádio Globo*, para a *Rádio Tupi* e o Waldir Amaral ficou procurando quem poderia ser o comentarista e alguém sugeriu o meu nome pro Waldir Amaral. Foi uma época de vacas magras na *TV Rio*, a *TV Rio* já estava prestes a falir. Já não pagava a gente em dia, e às vezes, a gente tinha dificuldades, porque a gente tem um nível de vida. E não pagavam salários, a gente tinha que pagar as contas. Em suma, tinha que pegar dinheiro emprestado em banco, pagar juros, uma série de coisas assim. E aí, o Waldir Amaral veio e me ofereceu para eu ser o comentarista no lugar do Ruy Porto. Porque, o narrador de

televisão, verdadeiramente narrador de televisão, ele também tem um ritmo de comentarista. Não é preciso esse troço de narrador de televisão gritar “Gooooooooooooooooool”. Eu acho isso um ridículo tremendo. Não precisa! Pra que você precisa? No rádio é preciso, porque precisa para chamar a atenção, o cara não tá vendo. Mas, ali ele tá vendo o gol. E você precisa gritar “goooooooool”, mas, depois que ele acontece? Porque você não pode gritar, ele termina de acontecer é que você vai gritar. Na televisão, se você puder prever o que vai acontecer, ou então se você puder ir em cima daquilo que acontece, aí você é perfeito na televisão. Agora, na televisão, você vai depois do que já aconteceu. Quando o locutor diz assim: “olha, vai fazer o gol!”, aí o cara chuta lá no meio da rua. Não faz o gol. É uma bobagem. O cara tem que dizer “vai fazer o gol”, e o sujeito fazer, mas, ele não pode combinar com o cara que ele faça mesmo, nem com o destino, pra que, aquilo que ele diz, possa acontecer. Então, há uma desconexão do momento das coisas acontecerem, do momento que o locutor fala, é uma desafinação na transmissão. Não há coligação, conjugação da imagem e do fato, com a descrição.

Então, no meu ponto de vista, eu fui convidado para ser comentarista, justamente, porque eu já tinha um ritmo de comentarista. Eu não fazia a gritaria que eu ouço aí, eu não fazia não, fazia sobriamente, digamos, ilustrando ao telespectador. O jogador dava um drible lindo, eu dizia: “que lindo drible foi esse! Que beleza! Isso é do bom futebol, faz parte do cardápio do bom futebol. Assim, eu ia falando com o telespectador. Então, eu tinha um estilo que eu procurava adequar a televisão. Era uma coisa nova. Aqui no Brasil não tinha ninguém que fazia uma transmissão especificamente para o futebol, todos vieram do rádio, inclusive eu, todos vieram do rádio. Então até hoje, as transmissões de televisão, são todas radio-fotografadas, é o rádio fotografado. E isso aí, fez com que o Waldir Amaral me convidasse.

Apanhei muito no começo, porque a forma de comentar, eu sei lá, era muito igual, aquela maneira pesada, aquela maneira quadrada. Era assim que todo mundo comentava.

Como o João (Saldanha) estava trabalhando comigo, e eu via que o João tinha outro estilo e agradava muito, eu procurei fazer um meio termo, do meu próprio estilo, com o estilo popular. Procurei sempre me atualizar. Porque, eu, por exemplo, sou do tempo do beque de espera e do beque de avanço. Mas, eu não falo “esse aí é o beque de avanço, esse aí é o beque de espera”. A gente sabe o mundo muda.

**Além da simplicidade, já citada, houve alguma outra mudança na função ao longo dos anos?**

Teve, impostas pelas emissoras. Por exemplo, na *Rádio Globo*, atualmente, são dois comentaristas. Eu não sei até onde isso é bom, porque eles dão uma liberdade para que os dois comentaristas tenham opiniões diferentes. Isso não pode, deixa bêbado o ouvinte. Porque se eu digo que o fulano foi o melhor jogador, entra o Gérson e diz “foi outro”. E pro ouvinte, quem foi o melhor. Eu acho isso totalmente mau-feito. Eu acho que há equívocos também nas formas. Agora, a *Globo* tá fazendo dois comentaristas, e eu procuro nunca contestar o outro que está comigo, eu dou um jeitinho, que a experiência nos ensina a dar esses jeitinhos, pra que não haja uma colisão de opiniões. Porque as opiniões são diferentes. Isso você vê dentro da sua casa, quando se assiste um jogo de futebol. Um acha uma coisa, o outro acha outra, um opina de uma maneira, outro opina de outra maneira, e assim por diante. Agora, o comentarista tem a obrigação de orientar o ouvinte. E para orientar, ele tem que fazer com absoluta precisão. Se entra um outro com outra opinião, ele fica desorientado, no meu modo de ver.

### **Em que as novas tecnologias, implementadas ao longo dos anos, interferiram na transmissão esportiva?**

Isso aí não tenha dúvida, melhorou muito, sabe? Eu sou do tempo que você viajava para...eu fui fazer o Sul-Americano de Lima, em 1953, e a gente passava um Western, que era um telegrama muito rápido e caro...a rádio passava para a gente. A gente transmitia sem saber se a transmissão chegava. A gente dava um top, e dizia: “Vamô dar um top de 5 minutos...5 minutos...4 minutos e meio”. Até que quando faltavam 10 segundos para perfazer o total de 5 minutos. “Dentro de 10 segundos vou abrir a transmissão”. Controlava no relógio chegava em cima: “Senhoras e senhores, muito boa tarde estamos transmitindo diretamente de Lima, no Peru, os momentos que antecedem a partida entre Brasil e Peru pelo Campeonato Sul-Americano deste ano”. E não se sabia se a transmissão estava chegando porque não havia retorno. Você não sabia. Então de noite vinha um telegrama só com uma palavra. “Parabéns” é porque tinha tudo corrido bem, senão era “inchevou”. “Inchevou” era uma tristeza, a gente não sabia nem o que...Eu tive muita sorte, não me aconteceu nunca, mas, eu vi colegas chorarem, porque trabalhar duas horas a fio e não chegar a transmissão, e você tá lá pra aquilo e aquilo não chegar. Isso acontecia com muita frequência no rádio esportivo. De maneira que isso aí mudou muito. Hoje existe o retorno, se a transmissão cair você sente no ouvido na hora, entra um outro aqui falando, aí você providencia ali mesmo, chama um, chama outro, os caras providenciam e arruma. E assim ficou muito melhor.

### **E hoje em dia tem replay, câmera invertida?**

Isso na televisão, mas, no rádio tem também o replay, tem tudo ali.

**A cobertura *off-tube* interfere no comentário?**

Não, não, porque ela é boa, é uma transmissão perfeita. Hoje, tem muito lugar no mundo que usa isso, ninguém vai no estádio, fica num ponto, tem uma boa...eu mesmo faço meus comentários aqui de casa, tenho um aparelho de 42 polegadas em frente, eles equalizam lá na rádio o som, fica igualzinho o som lá do estádio. Eu não preciso me locomover ao estádio, faço daqui. E acho que não faço errado não, porque a gente vê bem. Você tem uma riqueza de informações muito maior.

**No seu caso você tira dúvidas da equipe durante a transmissão.**

Eu tiro, eu tiro. A bola entrou, a bola não entrou, a bola saiu, a bola não saiu. Houve o jogo do Botafogo contra o Grêmio, ninguém sabia num gol que o Grêmio fez se a bola tinha saído. E ela tinha saído, quase um tanto assim (mostra com as mãos). E eu daqui...eram os meus dois clubes jogando.

**Qual a diferença do comentário considerando a presença ou não de um repórter na transmissão?**

O comentarista não compensa a falta de um repórter. Porque o repórter consegue entrevista e tem alguns momentos em que ele pode entrar na transmissão para esclarecer fatos que estão acontecendo nas arquibancadas. O repórter faz falta. Não sei porque a televisão praticamente eliminou, só no começo e no fim, ela mantém repórteres. Eles deviam permitir

outras entradas. O locutor devia fazer perguntas que interessassem a ele próprio, e aos ouvintes e telespectadores, de modo geral.

**É mais difícil comentar um jogo nacional, com mais paixão envolvida, ou um jogo internacional?**

Olha, eu vou dizer para você, que eu de tal maneira eu eduquei a minha forma de agir nesse caso, que eu nem posso te responder com segurança, que eu me desligo completamente de amor ao clube...o Brasil jogando! Eu jamais faria aquilo o que eu ouço meu querido Galvão Bueno fazer, quando o Brasil ganha, quando o Brasil faz gol, parece que veio abaixo. E quando o outro faz gol: “gol” (sem nenhuma empolgação). Meu Deus do céu! Tem que fazer equibradamente. Tem que dizer que seu time está jogando bem, ou que está jogando mal, dentro da realidade, dentro da verdade. E eu eduquei meu espírito para isso. Durante a transmissão eu não torço de jeito nenhum. Eu posso estar dentro do coração torcendo, mas, eu não distorço os fatos em função da minha torcida.

**E foi difícil?**

É uma tarefa que você tem que educar, não tenha dúvida, tem que educar.

**Na sua opinião, quais as diferenças do comentário na TV fechada e do comentário na TV aberta?**

Não, não, eu acho que é tudo igual. Eu acho que ainda falta muita coisa para acrescentar. Eu acho que a televisão já tem recursos de imagem que podem até evitar a opinião de muita gente. Por exemplo, esses dois gols que eu me referi a pouco. Eu vi os caras discutirem se houve alguma coisa ou não houve. Não houve! Está ali passando, ta vendo, não houve. Então o cara tem que dizer que não houve e isso não é suscetível mais de discussão. Passou, mostrou pro telespectador que não houve falta nenhuma, que aquele gol foi mau anulado, aí que o repórter devia perguntar ao árbitro: “o que houve naquele gol que o senhor anulou”. Dizem que eles são proibidos de falar, mas, ele ia ter que dizer. Meu Deus, ora!



## **APÊNDICE B - Cristian Toledo<sup>1 2</sup>**

### **Como foi seu ingresso na função de comentarista?**

Comecei em 2004, substituindo os comentaristas titulares da rádio Transamérica de Curitiba. Hoje, faço parte do time de analistas da Transamérica, mesmo cumprindo outra função na equipe (plantão e âncora).

### **O que você entende pela função?**

É o trabalho de tentar ‘traduzir’ para o ouvinte as tendências táticas e técnicas da partida de futebol.

**Acha que houve mudança na função ao longo dos anos? Em caso de resposta afirmativa, que mudanças são essas?**

Hoje, não existe mais aquele comentário interminável, em que o analista se colocava acima de qualquer outro profissional. Não se pode comentar futebol hoje sem a compreensão do trabalho da equipe, e dos subsídios que eles podem trazer à análise.

---

<sup>1</sup> Comentarista da *Rádio Transamérica* de Curitiba.

<sup>2</sup> Entrevista realizada via *email* em 22/10/2009

**Em que as novas tecnologias, implementadas ao longo dos anos, interferiram no comentário esportivo?**

Tiraram o analista, em vários momentos, do estádio, onde ele tem a amplitude do campo para poder analisar.

**Porque isso acontece?**

À facilidade da comunicação, que permite que você acompanhe pela TV todos os jogos de um Campeonato Brasileiro, por exemplo. Isso gera economia para as emissoras, que não precisam enviar os comentaristas nas viagens.

**Tende a piorar?**

Tende a piorar, pois o rádio não está conseguindo, salvo raras exceções, se diferenciar da TV.

**A cobertura *off-tube* interfere no comentário?**

Muito, porque você fica restrito ao que a televisão lhe mostra, perdendo detalhes que diferenciam o comentário no rádio.

**Qual a diferença do comentário considerando a presença ou não de um repórter na transmissão?**

Com um repórter sempre é melhor, porque ele traz informações complementares para a análise.

**As principais críticas ao comentarista é que ele fala o óbvio, o que se vê; e que ele muda de opinião diante de uma alteração no placar. Essas críticas procedem? Por que você acha que essas opiniões existem?**

Porque todos nós, no fundo, somos comentaristas esportivos. Então, se a análise foge do que pensamos, o cidadão é mau comentarista. Se ele vê a mesma coisa que nós, só enxerga o óbvio. A grande tarefa do analista é manter seu estilo sem atender às concessões do interesse dos ouvintes.

**É mais difícil comentar um jogo nacional, com mais paixão envolvida, ou um jogo internacional?**

Não tive a experiência de comentar jogos internacionais. Comparo um outro 'microcosmo', que é a competição estadual. Hoje, a emoção está nos campeonatos nacionais, e a motivação do analista aumenta quando o jogo é dito "grande". Em jogos menores, você é como o torcedor - encara com menos importância.

## APÊNDICE C - Erich Beting<sup>1 2</sup>

### **Como foi seu ingresso na função de comentarista?**

Recebi um convite da direção do *Bandsports* para fazer um comentário de uma partida pelo Campeonato Português em 2005. Dois meses depois me chamaram para passar a ser comentarista fixo do canal, onde estou desde então.

### **O que você entende pela função?**

O comentarista deve ser uma analista tático do jogo e, também, um fornecedor de informações que expliquem ou tentem explicar um pouco mais além daquilo que o torcedor está vendo em casa.

### **Acha que houve mudança na função ao longo dos anos? Em caso de resposta afirmativa, que mudanças são essas?**

Sim, principalmente com o aumento do acesso à informação. Hoje o comentarista tem de estudar muito para fazer um bom trabalho. Do contrário, sempre saberá menos que o torcedor dentro de casa.

---

<sup>1</sup> Comentarista do canal por assinatura *Bandsports*.

<sup>2</sup> Entrevista realizada via *email* em 13/11/2009

**Em que as novas tecnologias, implementadas ao longo dos anos, interferiram no comentário esportivo?**

Elas exigiram mais conhecimento técnico do comentarista. Sem ele, o torcedor facilmente está mais bem informado que quem teoricamente é mais especializado. Além disso, ao mesmo tempo essas novas tecnologias tornaram muito mais fácil o acesso à informação. Hoje é impossível você não conseguir informação sobre um determinado atleta ou time.

**A cobertura *off-tube* interfere no comentário?**

Muito. Ela não permite que você tenha o que é o grande diferencial em relação a quem está em casa, que é a visão espacial do jogo. Quando você está no campo, consegue entender e perceber variações táticas, algo que é fundamental no comentário.

**Qual a diferença do comentário considerando a presença ou não de um repórter na transmissão?**

O comentarista, sem o repórter, assume também a função de informar. Ele vira uma espécie de repórter diferenciado, que não traz informações da beira do campo, mas informa o público sobre o atleta e o time, algo que quando tem um repórter na transmissão, acaba sendo feito por ele.

**As principais críticas ao comentarista é que ele fala o óbvio, o que se vê; e que ele muda de opinião diante de uma alteração no placar. Essas críticas procedem? Por que você acha que essas opiniões existem?**

Sim e não. Acho que essas opiniões existem exatamente porque o torcedor está muito bem informado sobre a modalidade esportiva, o campeonato, o time, o atleta. E muitas vezes o comentarista, até por excesso de trabalho, não está tão bem informado quanto o torcedor em casa. E isso faz com que seja nítido que o profissional está no óbvio, sem se destacar dos demais.

**É mais difícil comentar um jogo nacional, com mais paixão envolvida, ou um jogo internacional?**

Acho que é indiferente. Pelo menos no meu caso, a paixão fica em segundo plano na hora de trabalhar. Soa até estranho para quem não vive isso, mas quando você está com fone de ouvido e microfone, é difícil distinguir camisa, ter paixão no lugar da razão. A transmissão de um jogo se transforma em algo absolutamente técnico, em que você fica tão imerso no jogo, na transmissão, na função que exerce e com isso abstrai o sentimento de torcedor.

**Na sua opinião, quais as diferenças do comentário na TV fechada e do comentar na TV aberta?**

A diferença básica é que a transmissão em TV fechada se transformou num espetáculo para um torcedor de nível social e cultural geralmente mais elevado. E isso obriga um preparo mais qualificado de quem vai trabalhar. A TV aberta, por questões de audiência, acaba sendo muito mais superficial.

## APÊNDICE D - Francisco Aiello<sup>1 2</sup>

### **Como foi seu ingresso na função de comentarista?**

Eu já tinha mais de 15 anos atuando como repórter e percebi que precisava fazer algo diferente na profissão de jornalista. Estava meio cansado daquele dia-a-dia de cobertura de clubes aliada às viagens. Como já era professor universitário, precisava exercer uma função que me permitisse ficar mais no Rio. Junto a isso, sempre gostei muito de futebol, em especial a parte tática.

### **O que você entende pela função?**

Comentar é fácil e difícil ao mesmo tempo. Fácil porque a posição do comentarista é muito cômoda. Ele antes e durante o jogo faz um monte de “achismos” e suposições. Se acerta, é gênio, é bom, sabe tudo etc. Se erra, arranja sempre uma desculpa para justificar. O bom é que não corre o risco de perder o emprego como ocorre com a maioria dos treinadores que escala e mexe mal nos times.

É difícil porque cada veículo de comunicação tem a seu perfil de público. Um dos segredos é saber se comunicar de acordo com esse público. Já vi muita gente perder o emprego ou não agradar ao torcedor porque não conseguia falar a linguagem certa daquele receptor.

---

<sup>1</sup> Comentarista da *Rádio Brasil*, do Rio de Janeiro.

<sup>2</sup> Entrevista realizada via *email* em 19/09/2009



**Acha que houve mudança na função ao longo dos anos? Em caso de resposta afirmativa, que mudanças são essas?**

Claro que sim. Em vários sentidos. Costumo dizer que a cada ano que passa, o torcedor está mais e mais exigente. Boa parte deles entende de futebol tanto ou mais que o comentarista, por isso, ele cobra mais. Acho que o profissional precisa estar realmente se aprimorando e, acima de tudo, acompanhando a evolução tecnológica. Eu, por exemplo, não abro mão de comentar os jogos com a participação do ouvinte. Através do email, ele manda a mensagem e a gente "discute" o jogo junto.

**Em que as novas tecnologias, implementadas ao longo dos anos, interferiram no comentário esportivo?**

Pois é, como disse na pergunta anterior, a chegada das novas tecnologias aproximou ainda mais o torcedor do comentarista. O profissional precisa saber lidar com essa nova realidade. Não tem como brigar contra isso.

**A cobertura *off-tube* interfere no comentário?**

Muito. O *off-tube* é uma praga para todos: locutor, comentarista e repórter perdem muito quando fazem o jogo pela televisão. Para o comentarista, a principal dificuldade é o fato de você não poder ver o campo todo. A análise da parte tática fica praticamente impossível de se fazer.

**Qual a diferença do comentário considerando a presença ou não de um repórter na transmissão?**

Quando o repórter está presente, o comentarista se limita a fazer observações táticas e técnicas. Sem ele na transmissão, há uma necessidade de se trazer informações sobre os times.

**As principais críticas ao comentarista é que ele fala o óbvio, o que se vê; e que ele muda de opinião diante de uma alteração no placar. Essas críticas procedem? Por que você acha que essas opiniões existem?**

Acho que isso não é uma regra. É claro que alguns não querem dar o braço a torcer, mas penso diferente. Acho que os inteligentes mudam de opinião, por isso, não me furto em mudar de opinião.

**É mais difícil comentar um jogo nacional, com mais paixão envolvida, ou um jogo internacional?**

Todo mundo que trabalha no futebol tem um time. Não há como, mas acho que na hora da transmissão essa paixão precisa ser controlada. Penso que até em jogos da Seleção Brasileira a emoção precisa ser manejada.

## APÊNDICE E - Gerd Wenzel<sup>1 2</sup>

### **Como foi seu ingresso na função de comentarista?**

Foi em 1991: a *TV Cultura* estava transmitindo pela primeira vez uma temporada da Bundesliga<sup>3</sup> e necessitava de um especialista em futebol alemão que falasse bem português e alemão, naturalmente. Fiz um teste de voz, fui aprovado e a partir daí comecei minha “carreira” de comentarista sem jamais ter tido alguma experiência anterior na TV. Minha formação é Marketing e Comunicação. Não tenho diploma de jornalista.

### **O que você entende pela função?**

Informação e interpretação dessa informação são, a meu ver, as principais funções do comentarista, não apenas na área esportiva. Isto vale também para política, economia, etc.

---

<sup>1</sup> Comentarista dos canais por assinatura *ESPN* e *ESPN Brasil*.

<sup>2</sup> Entrevista realizada via email em 20/08/2009

<sup>3</sup> Campeonato Alemão da Primeira Divisão.

**Acha que houve mudança na função ao longo dos anos? Em caso de resposta afirmativa, que mudanças são essas?**

A principal mudança que se pode notar é que os comentaristas, especialmente os jovens que temos aqui na *ESPN*, procuram se preparar com afinco antes de comentar uma partida, seja qual for o esporte. Há colegas que levam revistas, livros, etc., para serem utilizados como subsídio para os seus comentários. Ou seja: a era dos comentaristas demasiadamente subjetivos e emocionais está com seus dias contados.

**Em que as novas tecnologias, implementadas ao longo dos anos, interferiram no comentário esportivo?**

Interferiram, e muito: quando fazia os comentários na *TV Cultura*, minha única fonte de informação eram jornais e revistas da Alemanha que vinham com alguns dias de atraso em relação à rodada que transmitíamos. Hoje, graças às novas tecnologias, a informação é em tempo real – houve uma verdadeira revolução que trouxe grandes vantagens para o comentarista que pretende estar permanentemente atualizado e, por tabela, o telespectador / ouvinte / leitor / internauta, se beneficia também desses recursos o que há 20 anos praticamente não era possível.

### **A cobertura off-tube interfere no comentário?**

Não há nada mais emocionante do que você comentar uma partida de futebol diretaente do estádio. Foi a minha grande experiência durante a Copa do Mundo na Alemanha. Entretanto, no estúdio e com a ajuda da tecnologia (grandes monitores, som ambiente, detalhamento das imagens) você tem à sua disposição recursos que não estão disponíveis no estádio. A repetição de um lance através de diversos ângulos diferentes, por exemplo.

### **Qual a diferença do comentário considerando a presença ou não de um repórter na transmissão?**

O repórter, além de enriquecer a transmissão do jogo com suas próprias matérias, subsidia o narrador e o comentarista com informações sobre os bastidores que normalmente não temos.

### **As principais críticas ao comentarista é que ele fala o óbvio, o que se vê; e que ele muda de opinião diante de uma alteração no placar. Essas críticas procedem? Por que você acha que essas opiniões existem?**

Essas opiniões existem porque há comentaristas que fazem exatamente o que foi dito por você. Mas se você prestar atenção em PVC, Paulo Calçade, Antero Greco e outros “monstros” do jornalismo esportivo, você verá que há um diferencial. Não se pode

generalizar: é preciso separar o joio do trigo. Como em qualquer profissão: há os bons e os maus profissionais.

**É mais difícil comentar um jogo nacional, com mais paixão envolvida, ou um jogo internacional?**

Para mim não faz diferença transmitir um jogo do campeonato alemão ou um jogo internacional que envolva uma equipe alemã. Eu gosto do futebol bem jogado, seja quem for que o pratique.

**APÊNDICE F - Raul Plassmann<sup>1 2</sup>****Como foi seu ingresso na função de comentarista?**

Convidado pela Rádio Tupi do Rio logo após o meu jogo de despedida em dezembro de 1983.

**O que você entende pela função?**

A responsabilidade de orientar o que acontece ou o que aconteceu durante o evento com conhecimento de causa.

**Acha que houve mudança na função ao longo dos anos? Em caso de resposta afirmativa, que mudanças são essas?**

Não, o comentarista comenta e o narrador narra e comenta.

---

<sup>1</sup> Ex-jogador profissional de futebol, tendo atuado no Cruzeiro e no Flamengo. Atualmente é comentarista dos canais por assinatura *Sportv* e *Premiere Futebol Clube*.

<sup>2</sup> Entrevista realizada via email em 04/11/2009

**Em que as novas tecnologias, implementadas ao longo dos anos, interferiram no comentário esportivo?**

O número de câmeras e a câmera lenta. Quase não é necessário o comentário, a imagem fala por si só.

**A cobertura *off-tube* interfere no comentário?**

*Off-tube* é OFFFFFFFFFFFFFFFFF! É paliativo.

**Qual a diferença do comentário considerando a presença ou não de um repórter na transmissão?**

Credibilidade. Quem não está lá, não está na transmissão.

**As principais críticas ao comentarista é que ele fala o óbvio, o que se vê; e que ele muda de opinião diante de uma alteração no placar. Essas críticas procedem? Por que você acha que essas opiniões existem?**

Porque temos muitos comentaristas e poucos COMENTARISTAS. Não sabem trabalhar em cima da imagem, uma pena!



**É mais difícil comentar um jogo nacional, com mais paixão envolvida, ou um jogo internacional?**

O comentarista não deve torcer, o torcedor brasileiro exige que ele torça pelo time dele. Este é o problema.

**Na sua opinião, quais as diferenças do comentário na TV fechada e do comentar na TV aberta?**

Não tem diferença.